



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE ARTES – IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – CEN

JUDE RABÊLO MORAIS SILVA

**Um Guia Honesto de Proposições e Diretrizes para o Acolhimento de
Estudantes/Artistas Travestigêneres nas Artes Cênicas**

**Brasília-DF
2022**

JUDE RABÊLO MORAIS SILVA

TRANS NO TEATRO

**Um Guia Honesto de Proposições e Diretrizes para o Acolhimento de
Estudantes/Artistas Travestigêneres nas Artes Cênicas**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Interpretação Teatral do Departamento em Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: **Dr^a Felicia Johansson Carneiro.**

**Brasília-DF
2022**

JUDE RABÊLO MORAIS SILVA

TRANS NO TEATRO

**Um Guia Honesto de Proposições e Diretrizes para o Acolhimento de
Estudantes/Artistas Travestigêneres nas Artes Cênicas**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação
em Interpretação Teatral do Departamento em Artes Cênicas
do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora:
Dr^a. Felicia Johansson Carneiro

Data:

Banca Examinadora

Orientadora: Felicia Johansson Carneiro

Examinadora: Lídia Olinto do Valle Silva

Examinadore/examinadora: Ana Luisa de Oliveira Quintas

**Brasília-DF
2022**

RESUMO:

A pesquisa parte do meu processo individual de formação de ator, enquanto transgênero não-binário, e de contribuições em depoimentos de outros discentes trans do Departamento de Artes Cênicas da UnB, e traça um panorama das maiores dificuldades enfrentadas por nós, pessoas trans, no meio teatral e universitário. Também mapeia as maiores dúvidas e inseguranças dos docentes do departamento em relação ao acolhimento de artistas trans por depoimentos colhidos através de um formulário direcionado. Com base em todos os depoimentos coletados, esta monografia propõe um ponto de partida para que docentes e diretores possam aprimorar a receptividade para pessoas travestigêneres a fim de tornar o seu ambiente de sala de aula ou ensaios mais inclusivo.

Palavras-chave: Transgênero, travestigêneres, teatro, artes cênicas, recepção, inclusão.

ABSTRACT:

The research begins in my individual process of becoming an actor, as a transgender non-binary person, and testimonies from other trans students from the Department of Performing Arts at UnB and outlines an overview of the greatest troubles faced by us, trans folks, in the theater and at the university. It also maps the biggest doubts and insecurities regarding the reception of trans artists through testimonies collected by a directed form. Based on all testimonies collected, this monograph points a first direction for teachers and directors in their path to improve the receptivity to transgender people in order to make their classroom or rehearsal environment more inclusive.

Keywords: *Transgender, theater, performing arts, inclusiveness, reception.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha orientadora Felicia Johansson por todo o apoio proporcionado e pelo incentivo em não me deixar atrasar esse trabalho em mais um semestre. Ao professor Érico José que despertou meu desejo pela pesquisa durante a primeira turma da disciplina Decolonialidade em Artes Cênicas. E as professora Lídia Olinto e Ana Quintas por terem aceitado compor a minha banca prontamente.

Aos meus pais. Minha mãe, Luciana, e meu pai, Anderson, que – apesar das suas dificuldades em compreender o que almejo enquanto artista – sempre me apoiaram e são o porto mais seguro que eu tenho o privilégio de ter na vida. O mundo não é gentil com pessoas trans, o apoio e o afeto que recebo diariamente tornaram possível cada uma das conquistas da minha vida. Também agradeço minha irmã, Bia, por todo o companheirismo desde o dia em que eu nasci, por ter me ensinado a brincar e exercer minha imaginação.

À Emília e Corinna, que nos anos de pandemia foram parte da minha segunda casa e constantemente me motivaram e me ajudaram na minha jornada de formação enquanto ator, bem como na realização de um grande sonho meu. E aos seus respectivos companheiros Guido e Marie, que também acompanharam esses processos e prestigiaram minhas apresentações esses anos.

À Beth, Tia Zizi e Tiné, provedoras da minha segunda casa nos anos de pandemia. Por me deixarem ficar mudando coisas de lugar, interditando espaços e, por vezes, levando colegas para gravar e ensaiar meus trabalhos artísticos.

Ao meu grande amigo e companheiro, Vivi. Por todo apoio e incentivo, por acreditar nas minhas capacidades quando eu mesmo duvido delas, por toda ajuda e contribuição no meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: Sujeitos do Gênero	10
1.1 Primeiros esclarecimentos.....	10
1.2 Problemas de Gênero.....	13
1.3 Questões de gênero no contexto nacional	16
CAPÍTULO 2: Presença Trans nas Artes Cênicas	21
2.1 Narrativas Populares em que encontramos representação trans	21
2.2 Onde está a participação de pessoas trans nessas narrativas populares?.....	24
2.3 A presença trans nas artes cênicas	27
CAPÍTULO 3: Trajetória Dentro das Artes Cênicas	30
3.1 Gênero na minha experiência	30
3.2 O Departamento de Artes Cênicas antes	34
3.3 O Departamento de Artes Cênicas depois.....	37
CAPÍTULO 4: Um Panorama das Realções dos Travestigêneres no Departamento de Artes Cênicas	39
4.1 Molde de trabalho nas Artes Cênicas	39
4.2 Pelos olhos dos discentes	40
4.3 Pelos olhos dos docentes	43
CAPÍTULO 5: Breve Manual de Proposições e Diretrizes para o Acolhimento de Estudantes/ Artistas Travestigêneres	49
5.1 Aprendendo o uso de nomes/pronomes	49
5.2 Estratégias para primeiro contato e apresentações	51
5.3 O que fazer quando errar um nome/pronome	51
5.4 Busque apurar sua sensibilidade	52
5.5 Consuma entretenimento com representatividade	53
5.6 Seja consciente quando dividir a turma em grupos, papéis ou tarefas	54
5.7 Estendendo as reflexões ao mercado de trabalho	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
BIBLIOGRAFIA	59
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

Desde que decidi entrar no curso de Artes Cênicas carrego duas principais inquietações. A primeira, que me gerava muita angústia, hoje se tornou uma potente provocação “será que existem personagens para pessoas como eu?”. E a segunda uma certeza “eu sou capaz interpretar personagens de qualquer gênero se me derem uma oportunidade?”. Ainda que essa segunda me obrigue a lidar com o desafio de ter o meu gênero confundido com o das minhas personagens.

Enquanto ator e transgênero eu faço questão que todos os meus trabalhos busquem normalizar a existência de diferentes identidades de gênero e a presença de corpos trans em todos os espaços. Reluto com as narrativas que focam no processo de transição ou descoberta de identidade e abraço as narrativas que apresentam pessoas trans em suas rotinas, ciclos sociais, trabalho, viagens e etc. Para mim é formidável a construção de alguns universos onde não existe discriminação, onde personagens gênero-diversas são introduzidas sem distinção, mostradas tais como são sem que a transexualidade seja posta em foco.

É claro que obras que apresentam a realidade tal como é – que expõem preconceitos, situações de injustiça social, entre outras – trazem importantes denúncias e reflexões. Contudo são infinitas e ainda pouco exploradas as possibilidades na ficção. Há uma dominante retratação do sofrimento das personagens LGBTQIA+, que pode trazer à tona importantes debates, porém há pouca representatividade positiva desse recorte. Essa ausência de representação de personagens LGBTQIA+ em contextos positivos foi algo que se instalou no meu inconsciente durante os meus anos de formação, sobretudo na adolescência.

Ainda hoje tenho dificuldade de imaginar que eu possa ser bem sucedido em alguma coisa, pois toda a mídia que apresentava personagens LGBTQIA+ que eu tive contato durante aqueles anos, se desenvolvia acerca de eventos traumáticos. Essa experiência é parte do que impulsiona esta pesquisa e também teve como um de seus resultados o artigo “Impactos de representação e representatividade na perpetuação e quebra de estereótipos” que eu escrevi para o projeto de extensão Artes Cênicas e Decolonialidade, com orientação do Prof. Érico José. Nesse artigo, abordo como obras de entretenimento (séries de TV, *reality shows*, *talk shows*, filmes e etc.) impactam o público não pertencente à minorias (homossexuais, transgêneros, imigrantes, pessoas negras, entre outras) e são capazes de moldar a visão que possuem delas.

Obras como o filme *Uma Mulher Fantástica* (2017), a série *Sort Of* (2021), a animação *Guardiões da Mansão do Terror* (2022) e até mesmo o videogame *Tell Me Why* (2020) inserem o protagonistas transgêneros sem que a trama do roteiro seja sobre o processo de transição ou a identidade de gênero das personagens. As narrativas se desenvolvem acerca de acontecimentos cotidianos e outras questões pessoais. Sejam essas questões românticas, sobre suas vidas profissionais, acontecimentos fortes e marcantes que tenham se dado com elas ou pessoas próximas. A representatividade trans se dá em subtextos e acontecimentos secundários que servem mais ao propósito de construção de mundo e das personagens do que de mecanismos que avançam a narrativa.

Neste estudo, contudo, pretendo revisitar minha trajetória acadêmica enquanto ator e comentar quais impactos o ambiente cênico teatral despreparado pode causar em artistas travestigêneros¹. Minha abordagem é, principalmente, sobre a recepção e as relações que se dão nos processos criativos. Desejo buscar alternativas para que esses espaços deixem de ser mais um ambiente que reproduz opressões, e possam ser um ambiente que nos dê segurança e confiança para desenvolvermos nossas habilidades e, conseqüentemente, para que possamos compartilhar com confiança todos os tipos de histórias que desejamos contar em nossas vidas profissionais.

No território da exposição física e emocional que muitas vezes atories precisam se colocar, naturalmente, lidamos muito com nossa própria imagem. Tal exposição é sempre um lugar sensível, e potencialmente ainda mais sensível para pessoas que lidam diariamente com rejeições e discriminações de terceiros, as quais são ocasionadas pelas interpretações da nossa própria imagem. Por mais que estar em cena seja uma das coisas mais prazerosas que vim a descobrir na minha vida, existem situações nos processos de criação que podem ser corriqueiras e atravessam pessoas trans de maneira bastante hostil.

Proponho uma reflexão sobre como algumas situações corriqueiras podem ter um grande peso emocional para pessoas travestigêneros, e são cumulativas com opressões e estresses que nós já experienciamos em outros ambientes. A partir da minha vivência no processo de formação enquanto ator e de depoimentos de outros colegas transgêneros que tenham frequentado o Departamento de Artes cênicas, tento mapear

¹ Termo cunhado pela ativista Indianara Siqueira para se referir às pessoas travestis e de múltiplas identidades transgêneras em um só termo.

situações desconfortáveis e/ou constrangedoras que tenham se dado nos ambientes de sala de aula e processos de criação, tentando encontrar caminhos para que essas questões sejam contornadas. O meu objetivo é proporcionar que o ambiente coletivo de criação e espaço de acadêmico das artes cênicas possa ser um lugar seguro para que pessoas travestigêneres consigam verdadeiramente se desarmar das defesas que carregam habitualmente em seu cotidiano e desfrutar do espaço de aprendizado e desenvolvimento artístico.

CAPÍTULO 1

SUJEITOS DO GÊNERO

Ao longo deste capítulo traço uma breve introdução à discussão de gênero, em particular, a como é possível que existam diversos gêneros. Aqui me embaso em autoras, filósofas e teóricas cujas teorias ressoam bastante com a forma que eu experiencio as minhas próprias questões de gênero. Esses são pontos de vista que refletem sobre as diferentes expectativas sociais que são postas sobre todos nós, baseadas na nossa anatomia, antes mesmo que se possa ter tempo para desenvolver qualquer gosto ou traço de personalidade.

Outra questão aqui abordada é a consciência sobre a importância da despatologização das questões de gênero e os malefícios da negação da existência de plurais identidades de gênero dissociadas do sexo biológico. Afinal a arbitrariedade de “sintomas” já ocasionou muitos “diagnósticos” e diversas vítimas das falsas terapias de conversão, hoje proibidas no Brasil. Essas terapias utilizavam de métodos como choques elétricos, privação de alimentos, indução de náuseas por meios químicos, humilhação e abusos psicológicos dos indivíduos submetidos ao programa.

1.1 Primeiros esclarecimentos

A fim de assegurar melhor compreensão, iniciarei com a definição de alguns conceitos que serão utilizados, pois é do meu interesse que a pesquisa se faça compreensível, em especial, para pessoas que ainda não se informaram ou inseriram nos debates sobre identidades de gênero.

O primeiro esclarecimento que julgo necessário aqui é quanto à distinção entre identidade de gênero e orientação sexual. Essas são duas questões independentes entre si e que se confundem muito no imaginário social, em geral essa confusão vem de um lugar preconceituoso no qual algumas pessoas se mantêm ignorantes e perpetuam ideias equivocadas em tom de chacota ou piada. As ditas “piadas” são amplamente compartilhadas e atingem grande alcance propagando frases prontas, porém que transmitem ideias completamente equivocadas. Por exemplo, me recordo de um período da minha infância no qual ouvia com certa frequência que “todo gay sonha em ser mulher”, uma sentença que nunca possuiu o menor fundamento lógico.

Orientação sexual é o que se diz respeito à sexualidade, ou seja, ao sentimento emocional direcionado a outras pessoas, assim como ao desejo sexual. Designa-se, portanto, heterossexual quem sente atração romântica ou sexual apenas por

peças de gênero diferente, homossexual quem se atrai por peças do mesmo gênero e bissexual quem sente atração por ambos os gêneros ou mais. Há, ainda, outras definições de sexualidade que se referem a recortes mais específicos ou mais abrangentes nos traços característicos que geram atração.

Identidade de gênero é o que diz respeito a como uma pessoa enxerga a si mesma e se expressa, é como alguém se entende em relação ao próprio gênero. Somos dominados por uma noção extremamente binária de gênero e suas expressões. Aprendemos compulsoriamente que nossos hábitos comportamentais devem seguir dois padrões, um para mulheres e outro para homens.

Foi em 1949 que o termo “transexualismo” apareceu com o significado que lhe foi atribuído contemporaneamente, porém o registro de expressividades de gênero que ultrapassam a imposição binária de homem e mulher esteve presente em vários momentos da história e em outras sociedades.

Uma primeira aproximação com a bibliografia sobre transexualidade poderia indicar que houve muitos transexuais² na história, afinal são inúmeros casos de mulheres que se passavam por homem no renascimento e, em menor quantidade, homens que se passavam por mulheres; ou relatos etnográficos de experiências de rompimento de fronteiras entre o masculino e o feminino em várias culturas. (BENTO, 2019, p. 107)

O empecilho é que não somos meramente livres para adotar quaisquer comportamentos com os quais temos identificação e usá-los para nos expressar. Muito antes sequer de desenvolvermos a capacidade para compreender as noções de gênero, já existe uma expectativa anterior de quais padrões de comportamento viremos a adotar. Essa expectativa surge completamente apoiada em uma informação anatômica que não diz respeito nenhum aos nossos gostos ou interesses: o sexo.

Desde o nascimento, muitas vezes até antes, nos é atribuído um gênero associado ao tipo de genitália que possuímos. Mulher, se possui vulva, e homem se possui pênis. Chamamos **cisgêneras** as pessoas que vêm a se identificar com esse gênero pré-estabelecido. Como, culturalmente, herdamos a convenção binária de gênero dividido apenas em homem e mulher, as pessoas cisgêneras se encontram apenas nesses dois espectros: homem cis e mulher cis.

Para as pessoas que, mais tarde, não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer, chamamos **transgêneras**. Nesse caso, as pessoas trans podem

² O termo **transexual** tem sido criticado entre a comunidade trans e caído em desuso, especialmente entre os jovens. A palavra denota uma condição física do sexo, e o entendimento da experiência de gênero hoje é entendido como algo que não possui relação com o sexo e anatomia. Atualmente o termo mais difundido é **transgênero**.

se encontrar dentro dos espectros binários – homem trans e mulher trans – ou dentro de outros espectros variados e **não-binários**. Estes se referem a outras possibilidades de se perceber e expressar que não se enquadram nas expectativas tradicionais do que é feminino ou masculino podendo ser, por exemplo, agênero, que são pessoas que se colocam fora dos espectros de gênero; ou gênero-fluido, indivíduos cuja identidade transita entre o dois ou mais gêneros.

Portanto, quando me referir a pessoas **transfemininas**, isso indica que se trata de uma pessoa que foi designada homem ao nascer, porém que passou a se identificar de outra maneira. Assim como pessoas **transmasculinas** são aquelas que foram designadas mulheres ao nascer e transicionaram para outro gênero. Em ambos os casos, pode-se tratar de pessoas que se identificam com um gênero binário ou não-binário a depender de suas pessoalidades. Outra identidade acerca da qual há muita confusão é a **travesti**. A identidade travesti é transfeminina e não-binária. O termo já era utilizado na América Latina anteriormente ao conceito de mulher trans ser difundido, mas já com uma sugestão de terceiro gênero.

Apesar de não ser o foco da pesquisa em questão, não poderia ignorar o fato de que há pessoas que nascem com características sexuais congênitas que, apesar de incomuns, não são consideradas anomalias. Essas pessoas são denominadas intersexo, e as identidades de gênero delas não podem ser assumidas pelos seus fenótipos, pois também podem variar de acordo com as suas circunstâncias individuais e sociais. No Brasil, por muitos anos pessoas intersexo sofreram com a dificuldade em emitir registro civil e sendo, em muitos casos, forçadas a passar por cirurgias de mutilação durante a primeira infância para ter acesso a esse direito. Hoje a luta da comunidade intersexo proporcionou alguns avanços, mas ainda há muito que percorrer a fim de assegurar direitos civis e no acesso à saúde.

Tratando de gênero, não pude fugir das questões identitárias expressas através da gramática. Por isso, ao longo da apresentação do estudo, optei por algumas subversões de flexão de gênero na escrita da dissertação. Enquanto uma pessoa que não se identifica com gênero feminino ou masculino, compreendo que a forma como nos percebemos no mundo é o que rege a nossa experiência e a língua é uma ferramenta que usamos para melhor expressá-la. Sendo assim, a língua é o que descreve nossas experiências e anterior a ela existe o que somos, o que experienciamos e como nos sentimos. Portanto a língua necessita ser alterada, inovada, aceitar novas palavras e vocabulários a fim de continuar nos servindo em comunicar e se expressar.

Por uma série de questões sociais e relatos históricos, surgiu entre inúmeros falantes da língua portuguesa uma necessidade de diferenciar o neutro do masculino de maneira explícita e clara. O fato de a gramática normativa apresentar a flexão de masculino igual a neutra e apresentar uma diferenciação do feminino acarreta na reprodução, mesmo que acidental, de alguns sexismos. Como por exemplo, o apagamento de figuras femininas históricas ou movimentos com maior parcela de mulheres não serem identificados com clareza através das flexões de gênero.

Desafortunadamente ainda não há um consenso sobre a utilização da linguagem neutra no português, mas o fato de que até o momento tenho conhecimento de três propostas para implementação de gênero neutro (*el*, *ile* e *elu*) vindas de diferentes regiões do país, o que exemplifica a necessidade dessa diferenciação na língua. Dito isso, aponto que nesta dissertação há um esforço em recorrer a termos que me libertem um pouco dessas flexões em generalizações (utilizo termos como *peessoas* ou *indivíduos*). E em casos de referências a recortes específicos, me atento a utilizar flexões neutras ou femininas para o caso de quando a maioria do coletivo ao qual me refiro for de mulheres.

1.2 Problemas de Gênero

Entre as contribuições mais relevantes nos debates sobre gênero encontramos a filósofa Judith Butler³, as questões abordadas em seu livro *Problemas de Gênero* (1990) fundamentam diversos debates sobre a distinção sexo/gênero na atualidade. Mas principalmente, fundamentam a questão: o que é gênero? Segundo a autora o sexo está ligado à nossa fisionomia e aspectos biológicos, no entanto o gênero não. Butler apresenta uma noção de gênero como **performatividade**, e que vai além de duas possibilidades.

A obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, tornara-se uma grande referência nas décadas de 1970 e 1980. Neste período dentro dos movimentos feministas crescia o debate acerca de uma definição para categoria mulher. A obra de Butler se destaca por levar a discussão a um novo patamar. Questionando as variadas definições de mulher e comparando seus papéis sociais em diferentes culturas, ela nota que há divergências nessa compreensão. Isso, eventualmente, a leva questionar e buscar

³Filósofa estadunidense (atende por pronomes femininos e neutros). Professora no Departamento de Literatura Comparada e Retórica da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

uma definição não das categorias mulher e homem, mas a uma compreensão do que é gênero.

A autora não coloca em questão a factualidade do sexo, apesar de que o mesmo não é apenas binário, nem completamente compreendido. A espécie humana possui variações de sexo para além do feminino e masculino com frequência suficiente para não serem consideradas anomalias.⁴ O interesse de Butler, na verdade, está em como essas diferenças anatômicas genitais afetam toda expectativa de como podemos vir a nos comportar, assim como afeta o tratamento dos outros em relação a nós e quais serão os estímulos que receberemos ao longo da infância. Enquanto isso, outros traços característicos, como nossa altura ou cor dos olhos, são completamente irrelevantes para essas expectativas. A filósofa compreende sexo e o gênero como questões completamente separadas e afirma que uma parte do corpo não necessariamente reflete algo sobre o nosso comportamento, mas que é através da construção e interação social que aprendemos e aderimos a comportamentos.

Em seu livro, assim como esclarece em posteriores entrevistas, Butler não quer dizer que gênero é uma performance, como um ator que escolhe desempenhar o papel de uma personagem. Na verdade, ela tenta transmitir a ideia de que o gênero é construído através de uma performatividade da “repetição de atos estilizados ao longo do tempo” (tradução minha), no sentido de que somos constantemente expostos a pessoas expressando seus gêneros e tendemos a aderir e reproduzir as ações com as quais nos identificamos. Logo, para ela, ninguém escolhe deliberadamente performar um gênero, cada pessoa expressa ao mesmo tempo em que é o seu próprio gênero. A performatividade aqui é um termo técnico. A filósofa e atriz Abigail Thorn⁵ nos ajuda a compreender essa ideia em seu vídeo *What is Gender?* (O que é gênero?), disponível no canal *Philosophy Tube*.

Algumas maneiras de falar são performativas – elas não só comunicam alguma coisa, como também constituem uma ação. Como, por exemplo, se você admitir “culpado” em um julgamento, você não está só comunicando que cometeu o crime, você está instigando todo um processo legal e um conjunto de várias coisas acontecem como resultado do que você disse. Ou, por exemplo, dizer “eu aceito” no seu casamento, ou um árbitro dizer “fora” em um jogo de tênis. Sim, quem fala está comunicando, mas ao mesmo tempo também está performando uma ação. Butler acredita que uma das coisas que o discurso performativo pode fazer é constituir uma

⁴ Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira Intersexo (ABRAI), ao menos 1,7% dos bebês nascem com características sexuais que não se encaixam nas definições típicas de masculino e feminino.

⁵ Youtuber, atriz e filósofa britânica. Formada em Filosofia pela *University of St Andrews* e formada atriz pela *East 15 Acting School*. Criadora do canal *Philosophy Tube*.

identidade. A repetição de ações estilizadas que constroem seu gênero não é uma expressão de um algo oculto – ela forma um alguém. (WHAT..., 2016, tradução minha).⁶

Thorn usa de exemplo enunciados performativos para esclarecer esse entendimento, na linguística também conhecidos como verbos performativos. Como parte da teoria de atos da linguagem J. L. Austin⁷ aponta que algumas ações são executadas através do discurso e só ocorrem pelo entendimento e significado social das mesmas. Um enunciado performativo é um discurso que produz ação, que não apenas descreve uma situação ou transmite uma ideia, mas que torna real o que é dito. Por exemplo, quando alguém diz “prometo que vou te pagar”. A sentença comunica e performa a ação de prometer ao mesmo tempo, e só é compreendida porque promessas carregam socialmente um entendimento e senso de compromisso. Assim como pedir desculpas, a ação de pedir desculpas acontece apenas através do discurso, diferente de ações como pular, agarrar ou correr que acontecem pela ação física e podem ser apenas descritas pelo discurso. Austin explica que a linguagem não é apenas descritiva, que também pode ser performativa e carregada de ação.

Como o cineasta Jordan Schonig⁸ (2021) menciona em uma de suas videoaulas, enunciados performativos são atos do discurso que existem apenas através do ato de falar e da autoridade garantida ao locutor pelas convenções sociais. No caso, gênero não existe apenas quando alguém o afirma, por exemplo, o meu gênero não existe apenas quando eu afirmo com palavras que sou não-binária. Entretanto, gênero é performativo e funciona de maneira similar. O gênero existe, assim como uma promessa, através do entendimento social que o constrói, através de maneiras de mover, falar e vestir, entre outras, que possuem significados sociais. Em resumo, Butler explica que gênero é “a repetição de atos estilizados ao longo do tempo”.

A **performatividade** introduzida por Butler é o entendimento de que ações mundanas – como discurso, movimentos corporais não verbais, vestimenta, atitude, etc.

⁶ *Some ways of speaking are performative - they don't just communicate something, they also constitute an act. Like for instance, if you say "guilty" during your trial, you're not just communicating that you did it, you're also actually instigating a legal process and a whole bunch of other stuff happens as a result of you doing that. Or for instance, saying "I do" at your wedding, or an umpire saying "that's out" in tennis. Yes the speaker is communicating, but they're also performing an action. Butler thinks that one of the things performative speech can do is constitute an identity. The repeated, stylised actions that make up your gender aren't an expression of some hidden self - they are the self.*

⁷ John Langshaw Austin, teórico britânico filósofo da linguagem.

⁸ Cineasta estadunidense. PhD em Cinema e Estudos de Mídia pela Universidade de Chicago. Estuda as intersecções entre estética filosófica, fenomenologia e cinema.

– possuem significados sociais que são interpretados e constroem o que chamamos de gênero.

1.3 Questões de gênero no contexto nacional

Apesar da tese de Judith Butler ter sido publicada em 1990 introduzindo essa maneira de se pensar gênero, os debates acadêmicos avançam a passos lentos. Os movimentos feministas iniciaram esses espaços de debate de gênero sob a perspectiva de mulheres, mas as instituições ainda foram relutantes na aceitação da identidade de pessoas trans binárias e em outras possibilidades de gênero. O fato de que esses indivíduos foram historicamente excluídos e marginalizados também piorou o estigma social acerca dos estereótipos de pessoas trans e corrobora com um processo histórico de invisibilização da experiência transgênera.

Pessoas trans e travestis são alvo de preconceito e, muitas vezes, expulsas de casa ainda muito jovens. A ausência de amparo familiar pode colocar esses indivíduos num lugar de vulnerabilidade e dificultar o seu acesso à educação e qualificação, uma vez que os mesmos necessitam colocar todo o seu esforço na sua sobrevivência, em situações precárias. Mesmo quando acolhidos pela família, ainda precisam lidar com o preconceito e a discriminação na escola, a evasão escolar de pessoas trans ocasionada pelo *bullying* e a transfobia é bastante comum e acarreta diretamente na dificuldade de inserção no mercado de trabalho. A exclusão e a insensibilização colocam as pessoas trans em um lugar marginalizado e sem prestígio social, o que as dificulta serem ouvidas e legitimadas na sua busca por dignidade e direitos. Além disso, por décadas a transexualidade foi tratada como um transtorno mental, uma doença e, portanto, não era considerado um tema de competência das ciências sociais, impossibilitando que seu recorte social fosse validado.

A professora Berenice Bento⁹ traça uma perspectiva do que passou ao longo da sua pesquisa de doutorado, intitulada “A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual”, publicada em 2003. Em seu livro, *Transviadas* (2017), uma das pontuações foi a dos sujeitos da sociologia. Em duas de suas teses ela introduz “novos sujeitos” de pesquisa nas dissertações de ciências sociais brasileiras. Portanto, não há em suas bibliografias nenhuma referência brasileira que discute masculinidades ou experiência trans numa perspectiva de despatologização.

⁹ Socióloga pioneira nas pesquisas e publicações sobre questões acerca de gênero, masculinidades e transexualidade no Brasil. Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

A pesquisadora relata que, quando explicava aos seus colegas o tema de sua pesquisa, havia uma notável curiosidade e atenção com a descrição de situações que pessoas trans enfrentavam: histórias compartilhadas, procedimentos cirúrgicos que teve a oportunidade de acompanhar, etc. Geralmente, após seus depoimentos surgia a pergunta “mas você não acha que eles têm algum problema biológico?”. E ela pontuou seu incômodo com esse tipo de questionamento: “esse **eles** performatizava uma distância intransponível com o **nós**”. Bento problematiza o lugar de acadêmicos que se distanciam e voltam os olhares para buscar “compreensão do lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social, a exemplo de pessoas trans”. A fala dela aponta a falta de noção e reconhecimento, por parte de seus colegas acadêmicos, das pessoas trans como grupo social apto a falar por si mesmo, e revela a indignação que a socióloga direciona também à falta de credibilidade que a instituição das Ciências Sociais dava a população trans na época, um comportamento que acarretou na demora do reconhecimento desse recorte como um grupo social ao invés de indivíduos portadores de um transtorno.

O silêncio das Ciências Sociais significa que não havia homens em processo de reconfiguração de suas subjetividades? Transexuais, gays, lésbicas, travestis no Brasil? Ao trazer esses “novos” sujeitos para o mundo conceitual e, supostamente, “representá-los” em nossos trabalhos, significa que os parimos? No mundo acadêmico, sim. No mundo da vida vivida, não. As travestis estavam nas ruas, reconstruindo seus corpos, produzindo sentidos originais para relação entre corpo, sexualidade, gênero e subjetividade, mas eram invisíveis e invisibilizadas. (BENTO, 2017, p. 47)

A tese de Bento, que deu origem ao livro homônimo, foi a primeira produção acadêmica a trabalhar com a despatologização das identidades trans e o primeiro contato de muitos brasileiros que vieram a pesquisar essa questão no âmbito acadêmico posteriormente. A própria autora relata que, antes de ter contato com as teorias de gênero de autores como Judith Butler e Paul B. Preciado¹⁰, o seu olhar sobre pessoas trans era o que ela aprendeu a buscar pela observação dos acompanhamentos nos hospitais: um olhar patologizante. Nesse contexto, pessoas trans eram tratadas como indivíduos que apresentavam um quadro de transtorno mental, e os médicos buscavam por padrões de comportamentos para diagnóstico do que era chamado transtorno de gênero. Comportamentos como a vestimenta e apresentação social, uso de faixas de compressão nos seios, hábito de esconder o pênis para usar saias ou roupas justas, entre outros.

¹⁰ Filósofo e escritor espanhol (pronomes masculinos), mais conhecido por ser o autor do livro Manifesto Contrassexual. Aborda sexualidade e identidade de gênero, publicou também relatos do seu processo de transição de gênero iniciado em 2014.

Todavia, a partir da convivência com pessoas trans fora do ambiente hospitalar e do contato com outros teóricos de gênero, Bento nota que a área clínica médica não compreendia verdadeiramente a experiência transgênera. Como já elucidado antes com auxílio da teoria de Butler, as identidades de gênero são expressas através de ações estilizadas que adotamos a partir do que identificamos e assimilamos para externalizar a compreensão que temos de nós mesmos, não se relacionam com o sexo biológico e extrapolam o binarismo. As discussões sobre gênero e sexualidade abordadas por Bento são cruciais para o avanço do debate de gênero no Brasil, pois muito pouco dessas teorias possuíam tradução para língua portuguesa e as pessoas trans que lutavam e reivindicavam seus direitos tinham muita dificuldade em terem suas experiências reconhecidas pelo demérito de portarem um transtorno psiquiátrico, o que nunca foi verdade e tão pouco nos impediria de falar por nós mesmos.

Em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou que deixava de considerar a transexualidade como doença que, durante 28 anos, constou como transtorno no capítulo relativo à saúde mental pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). Essa determinação foi oficializada na 72ª Assembleia Mundial da Saúde em 2019, e foi dado o prazo de 1º de janeiro deste ano, 2022, para que cada país se adequasse à norma. Atualmente consta no CID-11 “incongruência de gênero” em um novo capítulo. Agora designado como cuidados para saúde sexual, o qual ainda reconhece a necessidade de tratamentos específicos para adequação de gênero e melhoria da aceitação social.

É claro que, além do espaço acadêmico, a população trans já se organizava e lutava por reconhecimento e os direitos que conquistamos são frutos de muita mobilização de coletivos travestigeneres. Ainda assim, trabalhos como o de Berenice Bento ajudam a difundir o debate de gênero e trazem reconhecimento às identidades trans, ajudam a propagar informação e superar preconceitos, assim como humanizam e trazem visibilidade para esse grupo. Por exemplo, mesmo antes da determinação da OMS o Conselho Federal de Psicologia (CFP) já havia publicado a decisão CFP nº01/2018, que orienta os profissionais brasileiros a não considerarem travestilidades e transgeneriedades como patologias clínicas. Antes disso já havia unidades de saúde com atendimento especializado de equipes multidisciplinares (psicologia, psiquiatria, endocrinologia, assistência social, ginecologia, entre outras especialidades) para questões relativas à identidade e transição de gênero. Eu mesmo estou em acompanhamento no Ambulatório de Diversidade de Gênero em Brasília desde a sua

inauguração em 2017, e mesmo antes já havia outras unidades similares espalhadas em algumas capitais do Brasil.

É de enorme importância o reconhecimento de que tanto a identidade de gênero quanto a sexualidade **não** são questões clínicas passíveis de um diagnóstico. Primeiro, porque nunca houve consistência nos “sintomas” apresentados para que fosse dado um diagnóstico, nunca houve um teste que pudesse ser repetido e obter-se o mesmo resultado, tão pouco que pudesse ser aplicado em indivíduos de qualquer lugar do mundo. Segundo, porque dar um diagnóstico implica que há um tratamento ou cura, as chamadas “terapias de conversão” que são procuradas por pessoas que têm dificuldade na própria aceitação, mas principalmente por pais de crianças e adolescentes. Isso é muito perigoso, pois o que embasava esses diagnósticos eram gestos e ações muito subjetivas, como o que a criança gosta de brincar, quais desenhos gosta de assistir e, frequentemente no caso de meninos, se os trejeitos são afeminados. Como a Professora Berenice Bento bem pontuou:

Eu não acho que a despatologização diga respeito às pessoas trans exclusivamente. Diz respeito a todos(as), especialmente aos homossexuais. Dizem que a homossexualidade foi retirada do CID. É verdade, mas aconteceu a patologização do gênero. No caso de um menino que brinca de boneca e seu pai consulta um especialista para ‘tratar’ esse comportamento, psicólogos ou psiquiatras não podem mais ‘diagnosticar’ a homossexualidade, porque a homossexualidade não consta no CID, mas podem diagnosticar a disforia de gênero ou transtorno de identidade de gênero. Ou seja, a armadilha é simples. (...) Os pais continuam levando seus(suas) filhos(as) para serem ‘tratados(as)’ nas clínicas e nos consultórios. Diagnosticar um homossexual não pode, mas diagnosticar como transtorno de identidade de gênero é legalmente possível? E por que os pais procuram ajuda de profissionais? Seria porque suas filhas não gostam de brincar de bonecas? É só isso? É o fantasma da homossexualidade? Então, o que me interessa nessa questão da despatologização, para além das questões específicas das pessoas trans, é pensar outra ordem de gênero. É pensar que essa ordem binária, naturalizada e naturalizante, não oprime as pessoas trans exclusivamente, oprime a mim e a você também. (BENTO, 2017, p. 153, 154)

Acho indispensável acrescentar que nenhum gosto, comportamento, gesto ou mesmo a sexualidade devem ser levados em conta como indicativo da identidade de gênero de alguém. Cada indivíduo só está apto a perceber a sua própria identidade de gênero, a partir da imagem que tem de si próprio em seu imaginário. A terapia pode ajudar uma pessoa a chegar ao entendimento e aceitação da sua identidade a partir de como a mesma se sente e pensa sobre si, mas não pode decidir nem acusar seu gênero. É perfeitamente comum encontrar pessoas adultas cis e trans que não possuem os gostos estereotípicos do seu gênero, portanto isso não deveria ser uma preocupação quanto a comportamentos na infância. O mais importante é ouvir como cada indivíduo se sente e

mais encontra conforto nas formas de tratamento dentro de suas relações interpessoais e respeitar esses desejos.

CAPÍTULO 2

PRESENÇA TRANS NAS ARTES CÊNICAS

Antes de avançar para a minha experiência na criação teatral e durante a minha formação como ator, acho pertinente expor as imagens que chegam para pessoas comuns sobre pessoas trans. Como a minha primeira experiência interna com o teatro só se deu após o meu ingresso no curso de Artes Cênicas, muita das mídias e apresentações às personagens trans colocadas neste capítulo eram as únicas referências que eu tinha da presença de pessoas travestigêneres no meio artístico.

Penso que, talvez, a forma como a retratação de pessoas trans chegava para mim combinada com a ausência de artista/atores/performes transgêneros por trás das produções alimentavam um entendimento de que não havia espaço para pessoas trans nas artes. As referências que eu tinha me geravam muita insegurança sobre o caminho que eu escolhi trilhar. Eu ainda tinha pouco me deparado com a presença de outros corpos trans, artistas trans nas formar de entretenimento que eu consumia, e não fazia ideia de como somos muitos.

A atriz Kika Sena colocou muito bem essa questão ao ser questionada sobre a importância do protagonismo de personagens trans em uma recente entrevista sobre a recepção do filme nacional *Paloma* (2022) no Festival Internacional de Cinema de Munique.

Acho que possibilita que outras pessoas, que são trans, se identifiquem nesse lugar no cinema. Que se reconheçam, que possam enxergar também como um lugar possível para se estar. E aí, por isso que eu digo que é importante também que sejam pessoas trans que estejam interpretando, porque se o contrário a gente acha que o nosso corpo nunca pode estar naquele lugar mesmo que estejam falando sobre a gente. Então acho que uma das maiores importâncias é o reconhecimento de ocupação de espaços. (PALOMA..., 2022)

2.1 Narrativas populares em que encontramos representação trans

O teatro não é constituído de uma linguagem única, o mesmo transita por vários moldes e estruturas. As questões de gênero no teatro, portanto, também passaram por mudanças ao longo dos anos e podem ser abordadas de maneiras diferentes a depender da época ou linguagem teatral. No teatro shakespeariano, por exemplo, as mulheres não podiam interpretar, cabia aos homens interpretar todos os papéis, inclusive os femininos. No contexto atual, não há nenhum impedimento para interpretação baseado em gênero, inclusive no teatro performativo não é raro encontrar

atores homens em personagens femininas ou atrizes em personagens masculinas. Essa inversão de gênero entre ator-personagem se dá, no geral, de uma maneira leve, orgânica e sem muitas implicações éticas. Porém, quando uma personagem trans é interpretada por uma pessoa cis, essa situação carrega uma série de implicações devido à natureza preconceituosa e discriminatória da sociedade.

Quando nos deparamos com uma personagem trans em um roteiro, provavelmente, ela foi escrita por uma pessoa cisgênera. Isso acarreta na construção de uma figura trans pela lente de uma pessoa que não vive essa experiência e que, muitas vezes, não sabe onde colocar o enfoque dessa narrativa. Frequentemente, a personalidade de personagens trans se resume à sua identidade de gênero, sem maiores complexidades, os seus conflitos costumam se desenvolver ao redor de uma vivência árdua, a falta de oportunidades, violência e intolerância direcionadas à sua identidade. Resumindo: esses são grandes clichês que, apesar de terem um componente de realidade, estão sobre-representados na ficção. A população trans é um grupo vasto e com muita pluralidade, mas as narrativas perpetuadas em larga escala, por vezes, sequer nos representa.

O documentário “Revelação” (2020) aborda o impacto de Hollywood na comunidade trans a partir da análise de artistas transgêneros. Entre os apontamentos feitos, um dos maiores e mais recorrentes incômodos, é de como as personagens trans são colocadas enquanto uma coisa exótica, diferente ou esquisita. Entre as grandes séries de TV de investigação policial ou diagnósticos médicos, em quase todas há pelo menos um episódio onde a vítima ou paciente é uma pessoa transgênera e, mesmo as que foram interpretadas por atores trans, não correspondem a uma representatividade plena da experiência trans. São representações vazias e criadas por pessoas que não fazem ideia do que uma pessoa trans experimenta no seu dia a dia e, de modo geral, são retratações muito insensíveis e preconceituosas.

Há no documentário, entre outros exemplos, um trecho de uma série policial na qual está sendo investigado um local onde uma mulher morreu em um banheiro público. O desenrolar da cena se dá na interação dos investigadores com comentários e piadas sobre a aparência e partes do corpo da mulher até que se constata que a vítima é uma mulher trans. Todos os comentários e o tom da cena sugerem que esse corpo é estranho, fora do normal e que é natural fazer piadas sobre isso. Pessoas trans pertencem há um grupo que, historicamente, sofre muito com a exclusão social e é muito grave que essa visão – de pessoas trans como algo raro, distante, que não merece sensibilidade e empatia – continue sendo perpetuada.

Por muito tempo, houve poucas referências escritas e formais sobre experiências e pontos de vista femininos. Ainda hoje, sobretudo nos campos científicos e políticos, há pouco do ponto de vista de mulheres sendo exposto, como Vivianne Forrester apontou:

Nós não sabemos o ponto de vista das mulheres. O que veem os olhos das mulheres? Como elas esculpem, inventam, decifram o mundo, eu não sei - eu sei o meu ponto de vista, o de uma mulher, mas o mundo é visto pelos olhos de outras. Eu só conheço o ponto de vista dos homens. (FORRESTER, 1980, apud APPLEMAN, p. 65, 2009, tradução minha)¹¹

Da mesma forma, pouco se sabe sobre a visão de mundo e a percepção de pessoas trans. Ao longo de vários anos, praticamente todas as personagens trans que foram introduzidas no cinema, sejam reais ou imaginárias, passaram pelo filtro da percepção de pessoas cisgêneras. E, por causa disso, a imagem que construímos em nosso campo de ideias sobre pessoas trans e travestis é muito afastada da forma real como pessoas desse recorte se veem. Uma realidade que, felizmente, está mudando com a tomada de espaço de pessoas trans na indústria.

Na dramaturgia tradicional, são poucas as personagens trans. Quando recorremos às montagens, em diversos casos, elas são interpretadas por pessoas cis travestidas do gênero oposto, e aí está mais um problema grave. Parte da confusão social que reforça uma visão preconceituosa são tais performances, pois as mesmas colaboram com a falsa narrativa de que mulheres trans são homens vestidos de mulher, enquanto que homens trans são mulheres vestidas de homem. Afinal, a que outra conclusão poderia chegar uma pessoa completamente alheia à experiência trans ao ver um homem interpretar uma mulher trans e vê-lo fora de personagem vestindo um terno e recebendo um prêmio de melhor *ator* por uma performance *feminina*? Basicamente a mensagem que isso passa não corrobora com a experiência de pessoas trans e a forma como as mesmas se apresentam perante o mundo.

Um dos maiores desgastes da experiência de pessoas trans é afirmar e reiterar constantemente que não estamos fingindo ser homens, ou mulheres. Não estamos tentando enganar ninguém sobre quem nós somos. Apenas somos como gostamos de ser, e exigimos ser respeitadas como todas as pessoas devem ser.

¹¹ *We don't know what women's vision is. What do women's eyes see? How do they carve, invent, decipher the world, I don't know – I know my own vision, the vision of one woman, but the world seen through the eyes of others. I only know what men's eyes see.*

Então, afinal, onde estava a presença de pessoas trans no teatro e na TV se os poucos papéis trans são comumente dados a pessoas cis? E se os papéis trans também são escritos por pessoas cis?

2.2 Onde está a participação de pessoas trans nessas narrativas populares?

Parte da atuação é sobre a capacidade de interpretar as mais diversas personagens. É bastante comum, sobretudo no improviso, que as pessoas se coloquem em cena nos papéis mais inusitados, podendo ser animais e, por vezes, até de objetos. Entretanto, devido a questões sociais e históricas, colocar atores cisgêneros para interpretar personagens transgêneros é uma questão problemática.

Eu não estou dizendo que em um exercício cênico, ou em cursos livres de teatro, e até mesmo em uma apresentação no decorrer de um curso acadêmico alunos cisgêneros não deveriam interpretar personagens trans. Ao contrário, esses são espaços que devem ser livres para experimentação e o desenvolvimento dos atores em iniciação ou formação. Brincar com a atuação dentro ou fora de estereótipos de gênero pode ser desafiador e gerar crescimento no âmbito da interpretação. Todavia, tudo que se tem intenção de levar para o espaço de apresentação precisa ser pensado o que se quer comunicar, então é preciso se atentar se o que estão mostrando é nocivo para a imagem de quem pertence ao recorte em questão ou não.

Outra questão importante é o que ocorre em produções profissionais, ou seja, não acadêmicas, não desenvolvidas em um curso ou projeto pedagógico. Escalar atores cisgêneros para interpretar personagens transgêneros ou travestis nessa esfera gera, com razão, um sentimento de injustiça e revolta em grande parte da comunidade trans. Essa revolta se dá, eu diria, por três principais razões: o processo de marginalização que ocorre com essa demografia, uma retratação equivocada da experiência trans pela ausência de um ponto de vista autêntico; e o real preconceito e dificuldade que existe para pessoas trans se inserirem no mercado de trabalho, uma vez que, nem em uma oportunidade que se encaixa perfeitamente no perfil, uma atorie trans consegue um trabalho.

A discriminação nos ambientes profissionais é um dos maiores agentes na marginalização da população trans e travesti. De acordo com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), apenas 16,7% da população transgênero assumida no estado de São Paulo possuía vínculos formais de trabalho de acordo com

levantamento divulgado em julho 2020. Entre homens trans esse percentual era de 59,4%, enquanto entre mulheres trans e travesti era de apenas 13.9%. A dificuldade em conseguir um emprego estável é uma batalha constante para maioria dos travestigêneres, mesmo quando possuem qualificação. Por isso é tão grave quando ocorre a prática do chamado *trans fake*¹², porque aponta que, nem mesmo quando se quer expor a existência trans, corpos trans não são bem-vindos. Para o corpo trans não há espaço, é como se nós não pudéssemos ser mostrados e nosso lugar fosse outro, o escondido, à margem.

Eu acredito que o adequado – e o que contribui na luta, na quebra de preconceitos, que faz a diferença prática proporcionando uma oportunidade de trabalho para uma pessoa que está sujeita a discriminação – é sempre reservar o papel de uma personagem trans para um ator, uma atriz ou atorie trans. Entretanto, a fim de buscar uma real representatividade e fugir do pejorativo, também é necessário dar espaço para que esses atores ou atrizes trans possam questionar e remodelar o que não julgarem adequado. Ressalto também a importância de ir além de uma opinião, ter uma atriz trans para o papel é lhe dar liberdade para agregar ou modificar aspectos da personagem é ótimo, mas não precisa ser a única contribuição. Consultar outras pessoas trans antes de escrever adaptações ou dramaturgias originais pode gerar grandes aprimoramentos na qualidade de um roteiro e na construção da personagem.

Uma pessoa cisgênera, por mais bem intencionada que possa ser, não sabe qual a visão de mundo de uma pessoa trans e está sujeita a reproduzir preconceitos e ainda põe a lente de como a cisgeneridade enxerga a transgeneridade, colocando mais uma minoria em um local onde a mesma não tem voz e não é vista. Ou seja, uma retratação sem representatividade, sem a voz e ponto de vista da própria. A exemplo do filme *A Garota Dinamarquesa* (2015), no qual Lili Elbe – mulher trans conhecida por ter sido uma das primeiras mulheres a realizar cirurgia de redesignação sexual – foi interpretada pelo ator Eddie Redmayne, em uma obra que foi completamente construída através da visão de homens e carrega muitas críticas da comunidade trans e travesti. Em 2021 o próprio Redmayne (indicado ao Oscar de melhor ator pela performance de Elbe) disse em entrevista ao *Sunday Times* que viver a personagem foi um erro, e atribuiu esse erro ao fato de que “muitas pessoas não tem lugar à mesa” se referindo à desigualdade que impede minorias de acessarem espaços de debate e serem ouvidas.

¹² Quando um ator ou atriz cisgênero/a interpreta uma personagem transgênera.

A declaração de Redmayne nos leva de volta à questão anterior: devido a uma estrutura conservadora e preconceituosa, a população trans encontra muitas barreiras para se inserir em espaços profissionais e ter sua própria voz no que diz respeito a sua realidade e experiência no mundo. Logo, de nada adianta tentar trazer visibilidade sem consultar e contratar trans e travestis, jogando fora a oportunidade de realizar uma diferença prática. Mas, como mencionado antes, não basta elencar um homem/mulher trans ou não-binária e empurrar um roteiro escrito completamente do mesmo ponto de vista cisnormativo. É preciso dar um lugar à mesa, escutá-los e deixá-los ter parte na construção da personagem, para que também possam inserir sua própria perspectiva.

Um exemplo hollywoodiano pode parecer exagerado ou grandioso, mas é onde se pode observar qual a leitura geral do público devido à propagação ampla da obra. Trazendo para um exemplo próximo: na disciplina de Prática de Montagem, eu e mais dois colegas decidimos fazer uma adaptação de “Navalha na Carne”, de Plínio Marcos. O texto expõe a situação de três figuras que vivem em uma espécie de pensão, um cafetão, uma prostituta e a personagem Veludo. Nada no texto explica se Veludo é uma mulher trans/travesti ou se é um homem homossexual. Não há consistência no uso de seus pronomes e o ponto de vista da personagem não é aprofundado o suficiente para nos dar conclusões, apenas assunções. Na ocasião, decidimos que, em nossa versão, Veludo seria um homem gay a ser interpretado por um colega homem que, além de julgar mais adequado, manifestou sentir-se mais confortável construí-lo dessa maneira. Curiosamente, quando busquei por outras montagens entre uma dúzia de versões gravadas e adaptações cinematográficas que assisti, em apenas duas delas Veludo era homem, nas demais, foi apresentada como mulher trans e interpretada por homens.

Cito esse exemplo na tentativa de explicar melhor a dimensão do problema. Plínio Marcos talvez tivesse definido para si a identidade de Veludo, mas não soube deixar isso claro em seu texto, pode-se imaginar se ele não foi capaz esclarecer que Veludo era uma travesti justamente pela ausência do ponto de vista de uma, ou pode ser que a ele não interessava deixar clara a identidade da personagem. De todo modo, o que há no texto não é suficiente para confirmar essa informação.

A questão é que, ainda assim, destaca-se a **escolha** de construí-la como mulher trans em inúmeras montagens, e ainda, tê-la interpretada por homens em diversas ocasiões. Esta é, inclusive, a situação da adaptação audiovisual Navalha na

Carne (1997), na qual Veludo foi colocada como mulher trans e interpretada pelo ator Carlos Loffler. Então, se até quando se escolhe inserir uma personagem trans, ainda se prefere escalar pessoas cisgêneras, qual é o espaço que existe para pessoas trans no teatro e no audiovisual? Qual poderia ser a perspectiva que uma atriz/ator trans ou não-binária consegue ter de se inserir nesse meio?

2.3 A presença trans nas artes cênicas

Antes de ingressar no curso de Artes de Cênicas o contato que eu tinha com o teatro era majoritariamente como espectador e de apresentações em moldes bem específicos. Palco italiano, roteirizado, praticamente sem quebra de quarta parede e realista, ou apresentações de rua. Quando iniciei a minha graduação comecei a acompanhar as programações dos grupos e espaços teatrais, bem como as apresentações de colegas do departamento. Foi o início do meu contato com variadas formas de fazer teatro, quando passei a conhecer os artistas e a cena local, os eventos e festivais que acontecem na cidade.

No meu segundo semestre passei por uma experiência que foi muito marcante e importante para mim naquele momento. Estava em cartaz no festival Cena Contemporânea o espetáculo “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”, performado pela atriz e ativista travesti Renata Carvalho. Com texto original da atriz e dramaturga, Jo Clifford, uma mulher trans, que escolheu Renata pessoalmente para a versão brasileira da peça. Pude assistir ao espetáculo no Teatro SESC Newton Rossi junto com alguns colegas, em uma experiência que, eu diria, intensa. Nos meses seguintes, o espetáculo, que rodava o país em diversos festivais, chegou a ser censurado em algumas cidades.

No palco, via-se um altar e, de frente para ele, várias fileiras de cadeiras postas ordenadamente com um corredor bem no centro. Uma configuração que parecia mesmo uma igreja. A atriz recepcionou o público e gentilmente convidou todos a se sentarem nas cadeiras posicionadas no palco até que todas estivessem ocupadas. Então direcionou o restante do público aos assentos comuns do próprio teatro.

O espetáculo incluía na dramaturgia adaptações de textos bíblicos acerca da aceitação para refletir sobre as estruturas sociais de exclusão e opressão. Eu fiquei muito emocionado e impactado durante o espetáculo, que me atingia em questões muito sensíveis. No geral, as pessoas que assistiram foram muito empáticas com a figura de

um travesti narrando difíceis situações nas quais sofrera discriminação e exclusão. Porém, nem todos do público tiveram essa empatia. Recordo que alguns minutos após o começo do espetáculo dois homens se retiraram com irritação e com reclamações que não consegui compreender; a atriz fez uma breve pausa por segundos até que eles estivessem fora do ambiente, sem sair de personagem, observando aquela situação antes de continuar.

Ao fim do espetáculo percebi que as pessoas estavam majoritariamente emocionadas, porém, do fundo do teatro vieram vaias, ofensas e um pequeno, porém claro, coro de gritos “Bolsonaro 2018”, na época, já uma figura pública muito conhecida pelas suas declarações intolerantes direcionadas às minorias como LGBTQIA+, indígenas, pessoas pretas e mulheres. O coro foi rapidamente interrompido pela voz imponente de Renata que exigia respeito por ela e por todas as pessoas que sofrem com a mesma discriminação que ela sofreu e que também havia sido relatada no espetáculo. As pessoas que gritavam do fundo não tiveram coragem de levantar a voz novamente e se retiraram rapidamente enquanto outras pessoas que ainda estavam no teatro aplaudiam a fala da atriz.

Em pouco mais de uma hora, eu havia presenciado um roteiro sobre experiências de pessoas trans como eu nunca havia experienciado antes, escrito e declamado por uma mulher trans e uma travesti. A precisão sobre os sentimentos de ser hostilizado e não ser aceito por familiares e pessoas que antes eram o seu apoio emocional, fôra algo que eu nunca havia visto nenhuma obra transmitir com tanta precisão antes. E, em seguida, essa pessoa cuja eu havia me identificado tanto pelo seu trabalho estava sendo hostilizada da mesma maneira que acabara de descrever no texto da peça. Metade de mim era êxtase por presenciar uma obra incrível, e a outra metade era medo das pessoas que, depois de tudo que assistiram, se mantinham não empáticas àquela travesti.

Descobrir novos artistas trans e LGBTQIA+ e suas obras sempre me traz motivação e inspiração sobre quais tipos de trabalhos eu gostaria de produzir. Porém, é marcante como muitos desses artistas têm algum depoimento sobre terem sido ameaçados, verbalmente atacados, censurados e até perseguidos por pessoas intolerantes. Por vezes, situações que acontecem inclusive durante apresentações, como aconteceu na sessão de “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” que eu estive.

No documentário “Quem Tem Medo?” (2022) a atriz Renata Carvalho relatou que diante da repercussão do espetáculo, sofreu ameaças de morte e espancamento. Ainda no mesmo documentário, o ator José Neto Barbosa conta violências que sofreu com a repercussão da sua montagem “A Mulher Monstro”, onde, montado ao estilo Drag Queen, interpreta o que, no texto, é uma mulher cis, branca e religiosa, com uma visão deturpada do mundo. Ele relata que, em uma das sessões, em uma cena com baixa luz, teve uma pedra arremessada em sua direção, o que só não ocasionou uma tragédia devido ao fato da apresentação se passar dentro de uma gaiola. O documentário também mostra vídeos do momento, e José Neto conta que, em outras apresentações que sofreu ataques, ao responder enquanto personagem causou ainda mais irritação e revolta em seus provocadores.

Infelizmente a realidade é que existe muito preconceito e intolerância com a presença de pessoas LGBTQIA+ ao seu redor. Pessoas que se distanciam tanto de nós que sequer reconhecem a nossa condição humana, nos atacam e soltam agressões e ofensas como se fossemos alguma espécie de monstro. Vivemos em uma sociedade que, frequentemente, se comporta de maneira hostil perante a imagem de travestis e pessoas transgêneras, por isso, ser uma pessoa trans em muitas situações é se sentir vulnerável e sentir medo. Pensando nessa realidade e na possibilidade de artistas trans terem uma recepção hostil a depender do público ou local em que se apresentam, é ainda mais urgente que diretores e professores de teatro saibam criar um ambiente acolhedor e seguro por trás das cortinas, que dê segurança e provoque positivamente novos artistas.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIA DENTRO DAS ARTES CÊNICAS

Durante o período da minha graduação, tive a oportunidade participar de uma oficina, fora da universidade, que era voltada para a recepção e capacitação de pessoas trans. Eu divido a minha experiência no curso entre **antes** e **depois** dessa oficina. Pois aquele foi o espaço onde eu pude, pela primeira vez, me desenvolver como ator livre das minhas inseguranças em relação à minha aparência ou à leitura social que as outras pessoas teriam de mim.

Percebo que a minha postura mudou muito após essa experiência. Antes ficava muito ansioso ao realizar qualquer tipo de atividade ou exercício cênico, até pela questão de não ter experiência teatral anterior à graduação. Após essa oficina, da qual resultou em uma montagem, passei a me sentir mais confiante e acreditar nas minhas próprias capacidades. Não tive mais ansiedades antes de realizar exercícios e atividades práticas em sala, reconheço minhas dificuldades e sei que preciso trabalhar para superá-las, mas não duvido de mim mesmo como antes. Não questiono mais o meu pertencimento a esse espaço, sei que posso e sou capaz de ocupá-lo.

3.1 Gênero na minha experiência

Antes de contextualizar o momento que ingressei no curso, gostaria de viajar um pouco mais longe no tempo, nos meus primeiros anos de escolarização. Eu carrego esse marco como o momento que passei a ser cercado por imposições e expectativas das quais eu tinha pouco interesse em preencher. As situações começavam pequenas, mas a frustração e o sentimento de inconformidade causavam uma sensação física que, ainda hoje, dadas algumas circunstâncias, retornam ao meu corpo.

Recordo de, certa vez, no Jardim de Infância, a turma se organizava para ir ao refeitório. A hora da merenda era seguida pelo intervalo, uma sequência de situações que naturalmente deixava as crianças eufóricas. Contudo, era constantemente ensinado e cobrado que deveríamos andar ordenadamente para não fazer barulho e não atrapalhar as outras turmas que estavam realizando atividades em suas salas. A turma era sempre dividida em duas filas antes de deixar a sala: a das meninas e a dos meninos. Eu não pensava tanto sobre isso além do fato de parecer uma maneira fácil e ágil de nos organizarmos espacialmente em duas pequenas filas, ao invés de ter uma fila muito comprida que geralmente causava a sensação de que os últimos ficavam muito distantes.

Nesse dia, por alguma razão, antes de deixarmos a sala, passamos pelo que talvez tenha sido alguns minutos, em uma dinâmica que recorro com uma mistura de irritação e tédio, que eu desejava desesperadamente que acabasse logo.

Realmente não sei dizer o que iniciou essa dinâmica, mas quando a turma já estava organizada nas duas filas estabelecidas e pronta para partir a professora começou a falar sobre como deveríamos agradecer e usar as palavras “obrigado” e “obrigada”. Ela explicava que a palavra “obrigado” era de uso exclusivo dos meninos, enquanto que “obrigada” era de uso exclusivo das meninas. Depois, fazia com que cada fila dissesse em uníssono a sua palavra designada, alternadamente. A forma como meus colegas gritavam a resposta impacientemente após algumas repetições dessa situação, me leva a crer que, em maioria, só queriam sair para lanchar o mais rápido possível e que sequer se importavam com o que a professora dizia. Eu, no entanto, permanecia em silêncio pensando o quanto era boba a diferenciação e como não tinha a menor remota chance de um homem se transformar em mulher ou vice-versa através da pronúncia de uma palavra. Neste momento, eu me sentia na verdade ofendido, porque eu sequer gostava de me colocar na fila das meninas todos os dias e recorro de pensar que eu tinha mais a ver com os colegas na fila ao lado da qual eu estava. Com algum senso de revolta, a última vez que a professora comandava que cada fila gritasse a sua palavra designada, eu gritei “obrigado” junto com a fila de meninos. Mas eu não acho que ninguém além da colega que estava atrás de mim tenha reparado nisso, e ela apenas fez uma cara de confusão e riu como se eu estivesse fazendo uma palhaçada.

Tal situação exemplifica como, ao longo da minha infância, eu costumava tomar para mim apenas as diretrizes que me eram convenientes e tentava contornar o resto que eu julgava não valer para mim. Curiosamente eu sempre me entendi fora do espectro binário de gênero de uma maneira subconsciente, isso se manifestou à medida que eu deixava de absorver o que eu julgava que não me cabia. Porém, isso não foi sempre um processo automático e instintivo. A compreensão do que é feminino e masculino é algo que eu já carregava mesmo antes da escola, porém eu não sentia essa cobrança para que eu me enquadrasse nessas noções antes. E essa cobrança só veio e se intensificou cada vez mais nos meus anos de formação na convivência escolar.

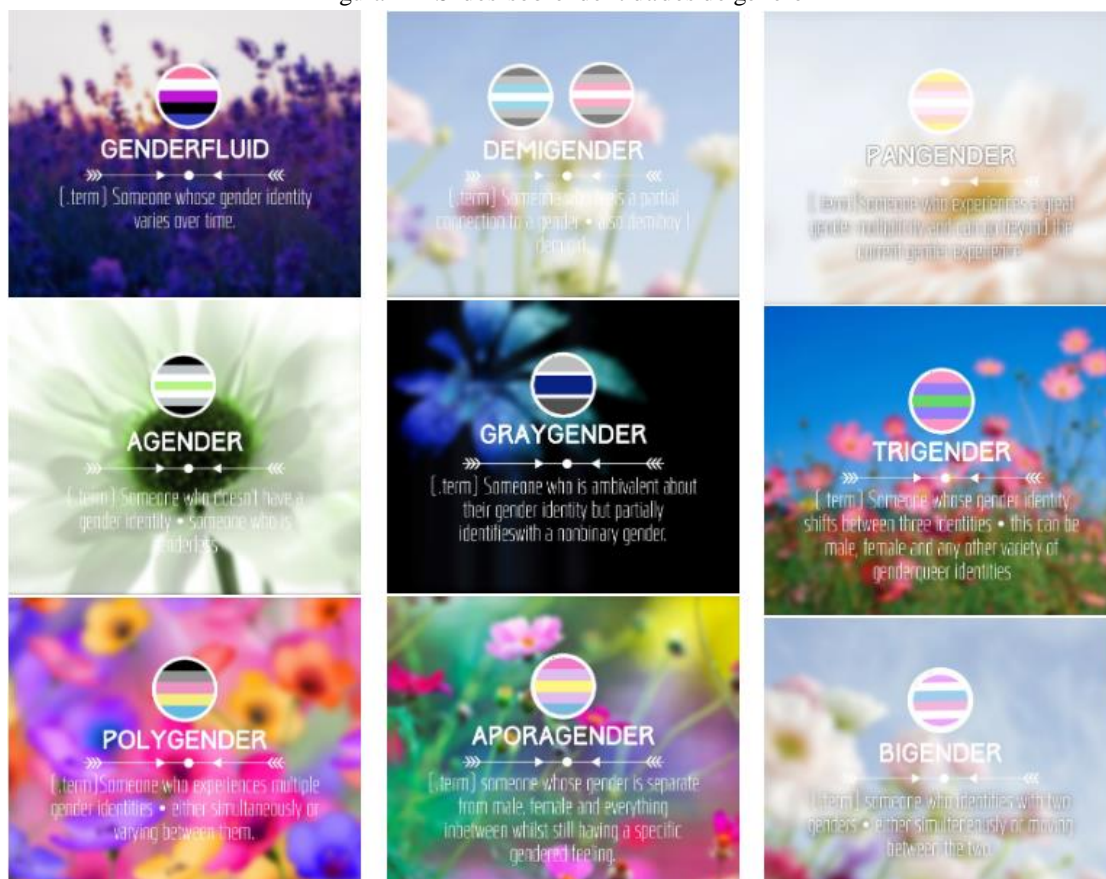
Avançando no tempo, se tornou cada vez mais difícil fugir dos espaços e comportamentos que me eram impostos. Por volta dos nove aos onze anos foi o período no qual tive a maior liberdade para me vestir e me expressar como mais gostava. Logo

em seguida, veio a puberdade que deu início a um período longo e muito conturbado, no qual independentemente do que eu optava vestir, ou como me comportava, o tratamento que as pessoas tinham comigo se tornou intransigente. Era sempre tratado no feminino, quando me cumprimentavam, tentavam me dar um abraço ou beijo no rosto ao invés de utilizar cumprimentos de mãos, assumiam que eu me interessava por homens, entre outras coisas.

Creio que ao longo da vida estamos sempre passando por processos de autoconhecimento, contudo, na adolescência essa questão da identidade costuma vir à tona à medida que adquirimos mais autonomia e começamos a nos colocar mais assiduamente como indivíduos separados dos nossos pares e núcleos familiares. No entanto, eu penso na minha adolescência, em maior parte, enquanto um período de “autoperda”, como um período em que eu me perdi e me desliguei completamente de quem eu era. Quanto mais se agravavam as perguntas e interações acerca de expectativas hétero/cisnormativas direcionadas a mim, mais eu me fechava, me isolava e me desconectava da forma como eu gostaria de me apresentar e externalizar minha própria identidade.

Por volta dos 14 anos, eu sabia que existiam homens e mulheres trans, porém desconhecia qualquer outra possibilidade. Lembro de pensar repetidamente que eu não me enxergava como homem, e ao mesmo tempo detestava toda a recepção e tratamento social que eu recebia enquanto mulher. Fui literalmente obrigado a me inserir nesse lugar porque não parecia haver outra opção. Apenas quando tinha dezoito anos que tomei conhecimento de identidades de gênero não-binárias, através de uma publicação na rede social *Tumblr*. Na época, aquela publicação com algumas imagens que descreviam algumas variações de identidades de gênero fora do espectro binário era a única referência que eu tinha.

Figura 1 – Slides sobre identidades de gênero



Fonte: postagem da rede social *Tumblr*.

Disponível em: <https://lgbtposts.tumblr.com/post/131763083902/the-genderqueer-series-genderqueer> (2015), acesso em 3 de setembro de 2022.

Ao longo de vários meses que se seguiram eu finalmente consegui refletir e me conectar com a forma como eu me sentia de verdade. Todavia, esse foi um processo muito delicado, considerando que todo o conceito de identidades não-binárias era novo para mim e ainda por um período de mais de um ano que se seguiu, eu não conhecia pessoalmente nenhuma outra pessoa não-binária. Toda referência que eu tinha era de conteúdos e conversas com pessoas de outros países com as quais eu me conectava pela internet. Portanto, eu tinha sempre muito receio e insegurança de me colocar abertamente como eu me coloco hoje, pois o conceito de identidades não-binárias era muito pouco difundido e eu era constantemente desacreditado nos ambientes nos quais eu tentava me assumir. Foi no meio desse processo que eu ingressei no curso de Artes Cênicas, carregando diversas dúvidas, inseguranças e medo de me assumir, inclusive para meus amigos próximos e familiares.

3.2 O Departamento de Artes Cênicas antes

Diferente de muitos dos meus colegas, a minha primeira experiência formal com teatro se deu diretamente na universidade após ingressar no curso de Artes Cênicas. Naquele momento, muitas coisas ao redor da minha vida pessoal e social se transformavam. Entrar nesse novo ambiente, de certa forma, alavancou a velocidade e a intensidade nas quais esse processo se deu.

Meu único contato anterior com o teatro havia sido muito breve. No meio do terceiro ano do Ensino Médio, entrei em uma nova escola e, no período em que cheguei, estavam mobilizando atividades para a semana de arte do colégio. Uma das atividades incluía uma apresentação teatral de cada turma, com um roteiro original a partir do tema designado previamente. Minha turma deveria realizar uma montagem que comentasse processos culturais, históricos, artísticos e políticos que se deram na década de 1980. Quando cheguei, um colega tinha pronto um roteiro, porém a turma não estava nada empenhada em realizar a montagem, logo, eu assumi a direção e sonoplastia. Mesmo no pequeno prazo que tínhamos, realizamos uma montagem completa com cenário, luz, som, figurino e maquiagem. A apresentação foi muito bem recebida e parabenizada pelos colegas.

Além de vivências na dança e na patinação, eu não possuía nenhuma outra bagagem de teatro. Essa falta de experiência se somava às outras inseguranças que eu carregava. Na época, as disciplinas práticas sempre me causavam muita ansiedade, no primeiro momento em relação às apresentações e como seria recepcionado, se teria minha identidade de gênero respeitada. Em outros momentos, pelo desconforto da exposição do meu corpo, pois a ideia de me colocar em cena, ter o meu corpo à mostra, me causava muito desconforto. Era muito difícil lidar com a angústia de que as pessoas viam uma mulher ao olhar para o meu corpo.

Buscando nos meus diários das disciplinas, sempre há algum desconforto manifestado de maneira muito vaga. Eu sei que sempre me referia a esse medo da exposição, da leitura que o espectador faria da minha imagem, e não só do espectador como público, mas como meus colegas e professores também. Encontrei um registro de quando cursava a disciplina Interpretação Teatral 2, no qual manifesto vagamente as travas que eu tinha em realizar o que era proposto pela direção: *“Na última aula foi proposta a questão do sacudir durante a fala para que a raiva e a exaltação fossem crescendo junto com esse ritmo, eu não sei dizer se isso ajudou ou piorou em relação à*

presença, mas causou uma sensação bem diferente e o texto veio com um pouco mais de dificuldade, além disso, há da minha parte muito desconforto com a situação, ainda que esteja havendo algum progresso do desenvolvimento da cena”.

Apesar de nunca colocar em palavras o “desconforto” era sempre sobre essa enorme insegurança que tomava conta do meu corpo. Eu raramente conseguia me desprender dessa ansiedade e desse medo da exposição que seguravam e, de fato, impossibilitavam o meu desenvolvimento na interpretação. Esse estado potencializava tudo o que eu poderia receber de volta dos pontos de vista externos das professoras e colegas. Felizmente, na minha experiência inicial, esse retorno sempre veio de maneira estimulante e não chegava de maneira agressiva. Mesmo assim me afetava, porque sempre coloquei muita importância nesse momento de escuta, do retorno de como o que eu explorava em cena chegava para quem assistia. Essa questão sozinha tem um peso, então a forma como esse retorno dos diretores e professores chega causa impacto. Uma orientação agressiva ou fora do tom pode causar mais inseguranças ao invés de incentivos, ou mesmo engatilhar¹³ algum trauma. Ainda mais lidando com indivíduos que experienciam rejeição e falta de respeito em uma base diária, não poder estar seguro em um ambiente de aprendizado vem à tona como um grande peso emocional.

Pessoalmente, eu nunca me incomodei em interpretar mulheres ou homens, porém no início da minha transição eu era muito mais sensível aos olhares externos que se voltavam para mim. Sentia um incômodo constante por não ter reconhecida a minha identidade de gênero, algo que não se dissipou completamente, mas que aprendi a estar mais confortável à medida que passei a ter minha identidade respeitada e validada dentro dos espaços que frequento e onde já me conhecem. Entretanto, eu sinto que só consegui aprender a me entregar para uma cena e desenvolver as propostas de diretores, durante a oficina que participei. Um privilégio sem o qual eu tenho muita dificuldade de imaginar como teria continuado minha graduação, pois foi apenas em um ambiente livre desse olhar normativo sobre o meu corpo, que eu fui finalmente capaz de me desprender da sensação de que estava sendo visto enquanto uma mulher interpretando em cena.

Como exposto anteriormente, ao longo dos primeiros semestres que frequentei o CEN eu vivia um momento sensível. Particularmente eu entendia e abraçava a minha identidade, porém batalhava em ser reconhecido na medida em que me assumia nos ambientes que frequentava. Em 2017, quando ingressei no curso me

¹³ Gatilho, na psicologia, denomina um estímulo emocional causado no cérebro, que ativa lem branca de traumas e pode trazer à tona as sensações físicas e emoções experienciadas no evento traumático.

assumir costumava vir atrelado a ter que explicar o que eram identidades não-binárias. Pensando em retrospecto esse conceito foi difundido incrivelmente rápido ao longo destes cinco anos. Mas até então apenas o ato colocar a minha identidade, me colocar enquanto o que sou já era exaustivo, ainda mais ficar reivindicando esse reconhecimento.

Vivendo aquele momento sem ainda ter me assumido para a minha família, ainda em processo de me abrir para os meus amigos, eu não tinha nenhum grupo de apoio. Tudo que eu enfrentava naquele momento era completamente sozinho, e me questionava muito se dentro do que eu fazia, dentro das artes cênicas, havia espaço para alguém como eu. Penso que se não fosse pelo o encontro com algumas diretoras/professoras que tiveram uma sensibilidade e me mantiveram motivado, eu dificilmente teria chegado a escrever esta monografia.

Para cada semestre, entre quatro ou cinco disciplinas, apenas uma ou duas me motivavam. No mais, as situações desagradáveis persistiam. O erro dos pronomes, uso do nome morto¹⁴ na presença dos meus colegas, docentes que ignoraram pedido de utilizar nome social e pronomes masculinos, mesmo após falar diretamente com os mesmos, desculpas como “eu chamo todo mundo de menina/amiga mesmo”. Por duas vezes, algum colega que errou meu pronome e não se corrigiu, o que desencadeou um efeito dominó onde todos começaram a trocar os meus pronomes, mesmo que a turma inteira estivesse ciente e já sabia o meus pronomes de outras aulas.

Coloco em perspectiva a minha experiência, mas para trazer a reflexão de que essa não é uma experiência única. Pelo contrário, muitas pessoas travestigêneres experienciam, cada uma à sua própria maneira, ter que colocar a sua identidade, exigir respeito e reiterar isso incontáveis vezes. Não é raro que essas pessoas também estejam fragilizadas por falta de apoio estrutural e/ou emocional, afinal, o preconceito e a discriminação ainda perduram na sociedade. Portanto, desenvolver o entendimento de que, potencialmente, esses corpos trans já foram muito hostilizados e fragilizados em diversos ambientes, é o ponto de partida para poder pensar em como tornar um ambiente mais receptivo a esses indivíduos. A maioria dos artistas transgêneros não terá a oportunidade que eu tive de estar em uma oficina cercado por outras pessoas trans e que já realizam uma leitura natural dos nossos corpos. Esse é mais um motivo pelo qual

¹⁴ Nome morto é um termo referente ao nome antigo de uma pessoa travestigênera que mudou de nome após a transição.

a visibilidade de pessoas trans, em todos os espaços, é tão potente. É preciso fazer com que as pessoas cisgêneras também nos leiam com naturalidade.

3.3 O Departamento de Artes Cênicas depois

Infelizmente, após o semestre que realizei a oficina, seguiu o semestre que se deram os primeiros decretos da pandemia da COVID-19, atrasando em alguns períodos as disciplinas práticas. Ao longo do período remoto, eu, pessoalmente, tive uma experiência mais leve acerca da convivência e respeito aos meus pronomes, uma vez que meu nome já estava retificado e problemas com nome morto já tinham deixado de ser uma questão. Porém, a realidade para alunes que ainda não puderam retificar seus nomes legalmente ficou um pouco mais complicada, pois todos da turma tinham acesso aos nomes ao entrar nas videochamadas. Apesar da possibilidade de inclusão do nome social, esse foi um procedimento que levou algumas semanas para ser implementado de maneira efetiva na plataforma online.

Na minha experiência, avalio que o fator do distanciamento e da convivência resumida a nossos rostos em uma pequena porção de tela, sem mais informações sobre nossas fisionomias, ocasionou que menos pessoas tivessem uma leitura feminina de mim. Outro fator que foi tornando essa experiência mais leve foi que, conforme avançamos no curso, a tendência é encontrar colegas e professores já conhecidos nas disciplinas. Logo, as pessoas já se encontram habituadas aos nomes e pronomes de tratamento.

No período de janeiro a maio de 2021, ainda no ensino remoto, foi quando retornei às matérias práticas de interpretação na disciplina Prática de Montagem, com a Prof^a. Alice Stefânia e orientação de prática docente de Flávio Café. Foi uma disciplina, que apesar de eu não ter tido contato anterior com a orientação, eu conhecia todos os alunes da turma, tornando essa a primeira experiência na qual eu não tive nenhum problema de insegurança relacionado à minha preocupação de como as outras pessoas presentes me enxergavam. Minhas questões pessoais e insatisfações com minha aparência continuavam, porém não me incomodava mais ser visto pelo coletivo.

Apesar da condição do ensino remoto, nessa disciplina realizei uma das performances das quais eu mais me orgulho na minha trajetória acadêmica e profissional. A turma se dividiu em dois movimentos independentes, relacionados aos desejos que cada um tinha de trabalhar na disciplina. No movimento que participei

iniciamos os trabalhos com quatro pessoas, infelizmente uma delas não conseguiu seguir até o fim da disciplina, então seguimos em três. Realizamos uma montagem, que eu gosto de descrever como teatro audiovisual, chamada “Erva, Dinheiro e Navalha”, uma adaptação da obra Navalha na Carne, de Plínio Marcos.

A disciplina consistia em três encontros semanais, nos quais os orientadores alternavam com qual grupo trabalhariam; posteriormente, havia uma mostra dos processos para outra parte de turma e um diálogo e, por último, um dia de ensaio apenas para os alunos. Ao longo desse processo, não nos encontramos presencialmente nenhuma vez: o trabalho todo consistiu em muitos ensaios via videochamada até as gravações, que se deram separadamente. Cada parte gravada dos celulares respectivos de cada aluno, para manter qualidades de vídeo e áudio aproximadas e para que não houvesse eventuais ruídos de imagem ou som que pudessem ser ocasionados pela qualidade da conexão de internet.

Mesmo com o processo se dando a distância, durante os encontros síncronos, sinto que fui capaz de desenvolver minha interpretação e alcançar novos patamares. Eu interpretei o personagem Vado, um cafetão, homem jovem e muito preocupado com a sua virilidade, muito diferente de mim. O texto incluía cenas de discussão acalorada e violência. Consegui ser receptivo e seguir as orientações de direção da Prof.^a Alice e do Flávio, que foram contribuições muito importantes para a minha construção do Vado. O trabalho me levou para uma interpretação muito diferente de tudo que já tinha feito antes; foi um grande desafio com o qual senti muita satisfação ao assistir o resultado final.

Considero essa experiência como um marco notável na minha trajetória acadêmica. Acredito que o meu desenvolvimento enquanto ator e a entrega satisfatória dessa personagem estão atrelados ao meu bem estar e as boas relações que eu tive dentro do processo. Sem os quais, sinto que poderia ter me retraído, contendo ou até estagnado o meu processo de aprendizado.

CAPÍTULO 4

UM PANORAMA DAS RELAÇÕES DES TRAVESTIGÊNERES NO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Ao longo desta pesquisa, realizei um levantamento acerca da experiência de pessoas travestigêneres no meio teatral e das artes cênicas, com foco na experiência de discentes do Departamento de Artes Cênicas (CEN) da UnB. Através de dois formulários, consegui mapear alguns incômodos de alunes travestigêneres, bem como algumas das maiores dificuldades e inseguranças dos professores. Esse capítulo traça um panorama geral, baseado nas informações que eu obtive, e encaminha para algumas soluções e recomendações para um melhor acolhimento de pessoas trans no Departamento de Artes Cênicas, baseado na minha experiência e nos depoimentos coletados de outros alunes e ex-alunes.

A análise realizada aqui é embasada nos relatos e experiências do momento que eu convivi dentro desse espaço com algumas contribuições de sete alunes/ex-alunes que responderam ao formulário. Porém não se pode esquecer que as experiências de pessoas travestigêneres são de uma enorme pluralidade, bem como os debates e percepções estão sempre avançando. Portanto, o que é apresentado a seguir será utilizado como ponto de partida para indicar um caminho, pois tornar os espaços de convivência acadêmica e social mais inclusivos demanda constante diálogo, atenção e disposição a ouvir e entender como e quais corpos são atravessados por opressões nesses espaços.

4.1 Molde de trabalho nas Artes Cênicas

O ambiente de ensino e trabalho das artes cênicas é bem diferente de outros ambientes de ensino e trabalho mais tradicionais em outras áreas. Foge do formato de alunos sentados às carteiras absorvendo conteúdo e de funções bem estabelecidas e individuais em um escritório, por exemplo. O fazer teatral exige muito mais trabalho coletivo, simultâneo e interação entre os pares do que a maioria das outras áreas, mesmo dentro das artes. A natureza do trabalho coletivo aumenta as interações sociais dentro do meio, e com mais interações sociais, há também mais espaço para que situações desagradáveis relacionadas ao tratamento de pessoas trans ocorram. Por isso, considero que esse é um molde com maior potencial de desgaste emocional para pessoas trans.

Em outras configurações de trabalho, questões que afligem transgêneros geradas de maneira **não intencional**, ou seja, por falta de conhecimento sobre como se referir a alguém, ou por não saber qual o gênero ou pronome de tratamento de alguém, podem não ter espaço para se darem com tanta frequência. Já no trabalho com a interpretação teatral, não só há muito mais interação social, como outras camadas, mais complexas, se apresentam.

Apenas estar nesse espaço, especialmente quando se é a única pessoa trans, carrega tantas resistências que diversas vezes me encontrei à beira de abandonar todo um processo desenvolvido por sentir que não pertencia àquele lugar porque – de maneira intencional ou não – você é posto tanto em dúvida e passa por tantos baques emocionais que começa a duvidar de si. Afinal, cada ensaio passava a ser um momento onde os outros colocavam em dúvida a minha identidade e o que eu estava fazendo. Nesse contexto, parece que você não consegue nunca entregar o seu melhor na performance, pois já está exausto afirmando quem você é e corrigindo os pronomes de tratamento direcionados a você. Não existem bons dias e maus dias de ensaio, existem maus dias e os que você “segura a onda”.

4.2 Pelos olhos dos discentes

No formulário direcionado aos discentes obtive sete respostas entre alunes e ex-alunes travestigêneres que frequentam ou frequentaram o Departamento de Artes Cênicas no programa de graduação. O quadro geral dos discentes referente aos vínculos com o CEN-UnB encontra-se no Anexo I.

Entre esses, apenas uma pessoa informou não ter assumido sua identidade de gênero em momento algum durante o período que frequentou o espaço. As outras seis responderam que assumiram sua identidade de gênero antes ou durante a sua formação.

Em relação ao acolhimento pelos docentes, apenas duas pessoas manifestaram não ter tido nenhuma experiência negativa. Três manifestaram que tiveram até cinco experiências negativas, uma manifestou ter tido até dez e uma manifestou ter tido mais de dez experiências negativas relacionadas ao acolhimento. As principais queixas são relacionadas à falta com o respeito aos nomes e pronomes de tratamento, mas as respostas também revelam, em alguns casos, falta de escuta e insensibilidade.

Alune 1: Uma aula a professora insistia em me chamar no feminino e pelo nome de registro. Por mais que eu “corrigia” ela não respeitava. Isso em frente à turma toda. Me deixou bem desconfortável.

Utilizamos nomes para nos introduzirmos ao mundo, costuma ser a primeira referência que apresentamos sobre o que somos. No caso de uma pessoa trans isso não é diferente; a recusa de chamar uma pessoa trans pelo seu nome e pronome de preferência é não só um apagamento do indivíduo, como carrega todo o estigma que historicamente colocou pessoas trans num falso quadro de indivíduos com transtornos mentais. Mas, ao contrario, é constatado que o respeito ao nome social pode reduzir em 71% os sintomas de depressão em pessoas travestigêneres reduz o risco de suicídio em ate 65% em comparação às pessoas trans que não tem sua identidade respeitada (RUSSEL, POLLITT, LI e GROSSMAN, 2018). O respeito ao nome social é **indispensável** em qualquer situação.

Pedi para que, se houvesse, contassem sobre as dificuldades em realizar atividades práticas nas aulas. Duas pessoas relataram nunca ter tido problema em relação às práticas e uma preferiu não comentar. Nas outras situações, se repetiram mais alguns problemas também relacionados ao acolhimento, como a falta de sensibilidade para compreender que carregamos traumas ocasionados pelas opressões e discriminações frequentes em espaços de convívio público e/ou privado.

Alune 2: Alguns professores não possuem empatia. E querem só dizer o que temos que fazer. Sendo que somos pessoas mentalmente adoecidas.

Um dos depoimentos trouxe à tona dificuldades relacionadas às capacidades e limitações físicas referentes a uma prática comum entre pessoas transmaculinas: a compressão dos seios. Apesar de ser maléfico para a saúde quando realizada por muitas horas seguidas ou durante a prática de exercícios, a realidade é que, em muitos casos, não é possível realizar as pausas no uso dos coletes de compressão devido à rotina. Assim como, para alguns transmasculinos, pode gerar um estresse psicológico realizar as aulas práticas sem esse aparato.

Alune 3: Insistência por parte de professores e colegas em não respeitar meus pronomes de preferência. Dificuldade em realizar os exercícios práticos de movimento

e de respiração (voz) por conta do uso do binder¹⁵ que dificulta muito o fôlego e causa dores nas costas. Constante sentimento de vulnerabilidade por exposição do meu corpo.

Pedi para que tentassem se lembrar se houve alguma situação diferencial que presenciaram na qual tivessem se sentido mais acolhidos ou confortáveis entre os colegas e professorias. Contraditoriamente, as respostas vieram, em peso, sobre serem tratados “normalmente”, “como um ser humano”, “humanização”, “quererem me ouvir” “usarem meu nome social”. Não posso dizer que as respostas me surpreenderam, porém olhar para elas em uma tabela, uma embaixo da outra, todas afirmando que ser tratado com naturalidade era um diferencial dentro das aulas, trouxe à tona a consciência sobre uma realidade que eu experiencio, porém nunca havia posto em perspectiva.

Geralmente, nos preocupamos muito com o primeiro contato em novos ambientes, um momento comum de estarmos armados e preparados para nos defender, então, é muito marcante quando tudo se dá tranquilamente. Alguns apontamentos positivos se tratam disso.

Alune 3: Quando os professores permitiam que as primeiras apresentações se dessem espontaneamente e permitiam que as pessoas da turma se apresentassem com os nomes de preferência sem consultar pela chamada e expô-los antes, e em seguida corrigiam as informações da lista de chamada.

Alune 4: Perguntaram meu nome antes de falar do meu gênero.

Alune 6: Nos apresentamos em sala e dissemos nome social e pronomes, foi legal.

É notável que um bom começo na disciplina traz muito impacto em como as relações entre alunes e professorias seguem ao longo do semestre. Uma boa roda de apresentação na qual se proponha a esclarecer como cada um prefere ser chamado se difere muito de uma apresentação mediada puxando os nomes da chamada. Por mais que seja possível colocar o nome social na chamada, nem sempre os discentes sabem como fazer isso ou tiveram tempo de resolver a questão nos primeiros dias de aula. Também foi manifestado por duas pessoas que a presença de outros alunes e professorias trans as deixavam mais confortáveis.

Em relação a problemas com colegas de turma, três pessoas informaram não ter tido problema. Uma afirmou não ter convivido em sala de aula após ter assumido sua

¹⁵ *Binder*: peça de roupa que serve para comprimir os seios de modo a aparentar menos volume por baixo de blusas e camisetas, comumente utilizado por pessoas transmasculinas.

transição. As outras três, relataram problemas relacionados a não terem nomes e pronomes respeitados, uma delas tendo expressado que teve menos problemas durante o período de ensino remoto. Dessas, as outras duas também se queixaram sobre outros tipos de assunções colocadas sobre elas baseadas em suas aparências.

Alune 3: Meu maior incômodo é quando alguma pessoa assume se eu gostaria ou não de interpretar algum personagem de algum gênero específico sem sequer me consultar sobre como eu me sinto.

Alune 5: Chamarem por um nome que não identifique ou me definirem como mulher cis.

Sobre situações em que foi necessário recorrer à secretaria ou coordenação do curso, apenas duas pessoas relataram já ter precisado de algum auxílio e ambas tiveram inconvenientes. Em um dos casos a queixa foi apenas sobre os pronomes de tratamento, no outro o relato foi um pouco mais grave.

Alune 1: Não sei se foi a secretaria do CEN. Mas quando pedi que colocassem meu nome social para na sala de aula não haver mais desconfortos foi bem ruim. A pessoa foi muito grossa comigo e não fazia questão de me ajudar.

Entre as respostas, ninguém afirmou ter tido nenhum tipo de problema ou situação constrangedora ao frequentar os banheiros e vestiários.

4.3 Pelos olhos dos docentes

No formulário direcionado aos docentes obtive treze respostas de professores do Departamento de Artes Cênicas (CEN-UnB). O quadro geral dos docentes encontra-se no Anexo II.

Indaguei o quanto os docentes se consideraram inseridos nos debates sobre as múltiplas possibilidades de gênero. Pedi para que se expressassem em uma escala de cinco níveis, sendo nível 1 referente a desconhecer completamente, e nível 5 referente a ser bem informado sobre o assunto. Nenhuma das respostas estava abaixo no nível 3, havendo quatro respostas referentes ao nível 4 e três ao nível 5.

Entre todos os treze que responderam ao formulário, apenas dois responderam não ter tido contato com bibliografia que deu amparo para tornar suas aulas mais acolhedoras à pessoas travestigêneres. Apenas um afirmou não ter tido

contato com bibliografia que deu amparo para tornar suas aulas mais receptivas a pessoas LGBTQIA+ no geral.

Em relação a inseguranças relativas ao acolhimento de alunes travestigêneres, apenas quatro docentes afirmaram não ter nenhuma insegurança. Todo o restante afirmou ter pelo menos um pouco de insegurança relativa às suas capacidades de acolhimento de alunes travestigêneres.

As maiores inseguranças relatadas foram em relação ao medo de errar nomes/pronomes de tratamento, dificuldade de se adaptar e acompanhar a transição de alunes. Também se expressou significativamente a insegurança em relação a vocabulários e o medo de utilizar alguma expressão que tenha conotação negativa sem saber, ou mesmo de utilizar alguma referência equivocada.

Docente 3: Não ter conhecimento amplo sobre atitudes e falas que poderiam ser consideradas preconceituosas, ou que pudessem ofender. Que tipos de limites e de liberdades acordar coletivamente. Há uma dificuldade enorme ainda de usar os artigos corretos, por uma força de hábito. Muitas vezes a pessoa foi anteriormente aluno ou aluna e o processo de mudança do gênero ocorreu no meio de sua passagem pelo CEN. Desassociar o que a pessoa era antes para a nova condição, muitas vezes leva tempo.

Docente 5: Medo de ofender, por não saber lidar... Acolho pessoas... não olho o que são ou como são... Mas, tenho medo de falar o que não pode ou não deve ser falado... meu vocabulário é de outros tempos às vezes.

Docente 13: Não acompanhar todas as mudanças que atravessam nosso dia a dia, em relação a pronomes de tratamento, por exemplo. Agora mesmo me deparei com atories, travestigêneres e não conhecia. Mas certamente desconheço mais do que isso.

Por parte de alguns também veio a preocupação de não saber como é a realidade de pessoas trans, não ter noção dos desafios que elas enfrentam e ter pouco conhecimento de repertório sobre temas LGBTQIA+ para dialogar com os alunes. Bem como o medo de não saber como dar apoio ou incentivo da maneira correta.

Docente 4: Questão de representatividade na relação com personagens e discussões no contexto dramático; uso de pronomes no caso de pessoas não binárias...

Docente 11: É saber que não vou nunca poder sentir o que travestigêneres passam...e também, a ausência – de minha parte – de referências diversificadas sobre o tema nas artes cênicas. Porém, venho pesquisando sobre...

Uma questão muito desafiadora que foi brevemente levantada é relativa ao trabalho vocal de pessoas travestigêneres, suas potências e limites. No caso de pessoas que realizam terapia hormonal, há certa alteração no registro da voz, principalmente entre transmaculinos que fazem uso de testosterona. É como lidar com um adolescente que está na puberdade sofrendo abruptas mudanças na voz, uma situação à qual suponho que seja pouco habitual, uma vez que a faixa etária de estudantes universitários já ultrapassa esse período de crescimento.

Um dos enunciados do formulário era se os docentes julgavam já ter tido algum problema, causado algum tipo de situação constrangedora ou mal estar por não ter sabido se relacionar com um alune travestigênera. Houve dois depoimentos que eu vejo como boas contribuições para reflexão tanto de outros professores que possam vir a passar por situações parecidas, como para mim (e outras pessoas trans) possa pensar como poderíamos proceder com pessoas que cometem erros, mas ainda podemos acessá-las e conscientizá-las sobre o que aconteceu.

Docente 9: Sim, há algum tempo. Apesar do estudante (como eu o considerava) estar em processo de transição, eu sugeri que usasse calça em uma situação em que trabalharíamos com público externo à UnB. A estudante usava saia às vezes e eu interpretava que tratava-se de crossdressing (prática comum entre estudantes no contexto). Ela não havia me comunicado sobre o processo, talvez por achar que eu soubesse, uma vez que ela abordava a transição em suas redes sociais, às quais eu não tinha acesso. Somente uns 6 meses depois do ocorrido ela me disse que eu a teria tratado de modo transfóbico naquela ocasião. Hoje em dia tenho observado todos os sinais e tenho tentado perguntar abertamente em caso de dúvidas.

Embora não tenha como as pessoas adivinharem sobre os processos de transição de gênero, para uma pessoa trans trazer esse assunto à tona repetidamente pode ser exaustivo. Acredito que por isso tenha sido notável entre as respostas dos discentes: depoimentos sobre dinâmicas de apresentação que incluíam os nomes e pronomes de preferência. De toda forma pode vir a acontecer de um processo desses se iniciar no meio de um semestre, por isso é importante ser atento aos artigos e pronomes que os alunes se referem a si mesmos ou aos colegas. Na dúvida é **sempre** melhor

perguntar e esclarecer de uma vez como uma pessoa se sente mais confortável em ser tratada.

A seguinte situação foi algo que nunca havia pensado sobre a possibilidade antes. Um tipo de situação que eu já presenciei em ambientes onde as pessoas presentes eram majoritariamente trans e a situação se deu com naturalidade, porém nunca me aconteceu no ambiente da universidade.

Docente 3: Sim, ocorreu uma situação. Minhas aulas envolvem muita atividade corporal e certa liberdade para se expressar. Numa dessas aulas um homem trans, que estava iniciando seu processo de mudança de gênero, tirou a camisa, pois estava muito calor. Como ainda se via um corpo mais feminino que masculino, ocorreu um breve constrangimento, não sei se só de minha parte. Mas fiquei atenta a como aquela situação estava afetando o coletivo, e como ninguém pareceu incomodado, agi como se tudo estivesse bem. E, de fato, tudo correu bem. Mas poderia ter ocorrido de outro ou outra estudante se incomodar com a situação. Como seria se isso tivesse ocorrido? Como seria minha mediação? Fiquei dias pensando nisso, mas não consegui chegar a uma resposta. Será que seria melhor conversar com o coletivo ou advertir a pessoa? Que atitude não preconceituosa tomar?

A meu ver a docente prosseguiu de maneira muito assertiva nessa situação, superando o seu constrangimento. Mas as questões trazidas pela mesma são muito pertinentes. Acrescento o comentário sobre o que ela diz ter aprendido após o ocorrido.

Docente 3: Procuo estar mais atenta ao coletivo, e ser sensível aos momentos. Ficar atenta sobre como me dirigir às pessoas, independente do gênero. Nossa sociedade foi educada a sempre comparar, apontar, agir reativamente, e como disse anteriormente, reeducar-se é um exercício constante. Modificar o que se cristalizou, leva tempo, por isso é preciso estar sempre atenta e sensível.

De certa forma “a liberdade de cada um termina onde começa a do outro”, acredito que, caso outra estudante manifestasse incômodo, uma mediação poderia se dar nesse sentido. Nem todas as pessoas têm problemas com nudez, mas não se pode ignorar o fato de que estamos inseridos em uma cultura com a forte erotização dos corpos nus e com peso muito forte de olhares religiosos sobre isso. Alguém poderia facilmente ter se ofendido. Questiono também qual seria a conotação se isso se desse na aula de um professor homem e alguém adentrasse o espaço.

Essa questão é mais delicada do que eu gostaria que fosse. Eu não me incomodaria com a situação caso estivesse presente, mesmo até se fosse de uma mulher cis sem camisa. Porém enxergo as implicações nas situações hipotéticas apresentadas e entendo que a docente poderia vir a ter problemas com a instituição caso se espalhasse um boato que tirasse a situação de contexto. Ao mesmo tempo, com frequência, vejo alunos realizarem as atividades das aulas sem camisa e alunes de todos os gêneros se trocando ao início e fim das aulas. Nunca enxerguei ou soube de alguém que enxerga isso como um problema, apenas como uma etapa de se preparar para a aula.

Creio que a maneira mais sensata de lidar seria abrir esse diálogo com o aluno em questão, esclarecer que não tem a intenção de repreendê-lo ou de forçá-lo a ficar de camisa durante as aulas, mas expor tais preocupações, que são legítimas. Contudo, eu imagino que – por conhecer as colegas, se sentir à vontade no espaço da aula e na presença da professora – ele inclusive tivesse feito uma leitura de que não haveria uma reação transfóbica na situação. Talvez ele mesmo não tivesse essa postura em uma situação diferente, ou se alguma das pessoas presentes não lhe inspirasse confiança.

Meu último questionamento aos docentes foi se, baseado nas suas experiências anteriores, eles temem que alguma situação de constrangimento ou que gere desconforto para alunes venha a se repetir. A maioria dos docentes acredita que esse tipo de situação não deve se repetir, outros colocam ressalvas sobre alguma eventual falta de atenção. Porém com a confiança na capacidade de diálogo lidar com eventualidades.

Retornando para poder avançar deste ponto, quando perguntei quais as maiores dúvidas dos docentes em relação à lidar com alunes travetigêneres, entre as respostas do formulário, houve manifestação de algumas incompreensões, em especial sobre identidades não-binárias. Permearam muitas dúvidas sobre uso da linguagem neutra, algo com o qual eu mesmo tenho pouca aptidão.

4: Por exemplo o uso de pronomes no caso de pessoas não binárias ou de pessoas que mantêm os nomes de certidão mas adotam outro gênero

Tento incluir nas minhas generalizações, nos cumprimentos e saudações coletivas do dia a dia, porém não há uma linguagem neutra única bem difundida. Comecei pequeno, incluindo pequenas palavras como “todes” e “querides”, pequenos

exercícios que eventualmente te levam a indagar sobre palavras menos intuitivas de adaptar. Por exemplo, “atores” já soa muito próximo dessas variações neutras, mas há a proposta “atories”, bem como “professories”. Esse é um processo que realmente estamos vivenciando e aprendendo juntas.

CAPÍTULO 5

BREVE MANUAL DE PROPOSIÇÕES E DIRETRIZES PARA O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES/ARTISTAS TRAVESTIGÊNERES

Esse manual é dedicado à você, docente que se interessa e está disposto a aprender como tornar as suas aulas mais inclusivas! Se você leu os capítulos anteriores deve ter notado que para este capítulo eu mudei completamente minha estrutura de discurso. Mas não se engane, isso é uma mera descontração para que o seu aprendizado se dê de maneira mais leve. Absolutamente nada do que for dito aqui deve soar menos relevante por isso.

Antes de tudo: entenda que ser transfóbico ou cometer transfobia não se resume à propositalmente discriminar, agredir ou prejudicar uma pessoa travestigênera. Em prol de começar uma mudança é necessário compreender que crescemos em uma sociedade que é preconceituosa e, historicamente, exclui pessoas trans. Portanto, é muito provável que você possua, de maneira internalizada, algum pensamento ou vocabulário transfóbico que pode vir à tona mesmo quando você não tem intenção de ofender. Por isso, é importante estar preparado para admitir seus erros e, mais importante, escutar o porquê o que foi dito/feito foi uma ofensa para não cometer o mesmo erro novamente.

Lembre-se que as proposições colocadas aqui foram feitas por mim, baseadas na minha experiência e diálogos com meus colegas travestigêneres. As experiências de pessoas trans são plurais e nem sempre concordarão com as proposições feitas aqui. Não se esqueça também que esse manual se propõe apenas como ponto de partida, os debates e pautas de gênero avançam todos os dias e cabe a você se manter atualizado e dialogar com seus aluninhos. Portanto use esse manual para o bem, mas não pare por ele. Aprenda com ele e aplique os conhecimentos contidos aqui às suas aulas da maneira que achar melhor, extrapole as linhas destas páginas, seja criativo!

5.1 Aprendendo o uso de nomes/pronomes

Quando pensamos em pessoas não-binárias é preciso se desprender-se de verdade dos conceitos homem e mulher. Entender que, independente dos pronomes de tratamento, a identidade de pessoas está fora do binarismo de gênero. Com a compreensão da existência de outros gêneros, para alguns, vem também a dissociação da própria imagem com gêneros e isso pode se estender aos nomes. É importante

entender que as regras de concordância nominal e de gênero não se aplicam a nomes próprios, inclusive na gramática normativa. As flexões de gênero aplicadas um substantivo próprio são relacionadas exclusivamente a pessoa a quem o mesmo se refere, podendo assim haver pessoas não-binárias que optaram pela manutenção de um nome de registro tradicionalmente associado ao masculino ou ao feminino e ainda optar por uma flexão de gênero neutra, masculina ou feminina de maneira independente.

Por exemplo, eu me chamo Jude, um nome comum de dois gêneros, porém eu gosto que se refiram a mim com flexões do gênero masculino. Em outra situação poderíamos ter uma pessoa que se chama Lucas, mas que prefere pronomes de tratamento femininos. Logo, em nossas sentenças teríamos de nos adaptar a isso ao dizer, por exemplo, “a Lucas é muito bonita”.

Há, entre pessoas não-binárias, aquelas que consideram sua identidade fluida, uma identidade que transita entre as expressões de gêneros. Algumas dessas pessoas se sentem confortáveis com qualquer pronome, eu prefiro ser tratado sempre por pronomes masculinos, e há pessoas que prezam pela **alternância** de pronomes. Se habituar a variar os pronomes de tratamento ao lidar com uma dessas pessoas é reconhecer a sua experiência e percepção de si. Pode parecer difícil, mas – assim como se habituar a uma mudança de pronomes de alguém – é uma mera questão de hábito.

Entre os depoimentos dos docentes há uma expressiva manifestação sobre a dificuldade em se adaptar à mudança de nome/pronome de pessoas já conhecidas pré-transição. Eu julgo essa dificuldade muito próxima à dificuldade que algumas pessoas têm em memorizar nomes. A minha recomendação sobre isso é: **exercite**; nosso corpo e mente absorvem muito pela repetição. Seja durante as rodas de apresentações, durante direcionamentos individuais em sala ou quando estiver se comunicando com algum alune nos corredores busque pronunciar o nome dele e aplicar seus pronomes sempre que for oportuno. Evite pronomes pessoais como “você”, “tu”, “contigo”; busque incluir o nome da pessoa em suas falas. Isso te ajudará a registrar essa mudança e a exercitar a alternância ou preferência de pronomes de cada um. E, claro, antes de iniciar esse exercício **certifique-se quais os nomes e pronomes corretos**, em caso de dúvida: **pergunte!** Lembre-se, perguntar não é inconveniente, mas o erro pode ofender ou constranger.

Esteja atento quando ouvir os estudantes, se notar que eles referem a si mesmos pronomes diferentes do habitual não custa perguntar se houve uma mudança na

preferência. Não se esqueça de conferir também se houve mudança de um nome/apelido. As transições podem ser iniciadas em meio ao curso de uma disciplina.

5.2 Estratégias para primeiro contato e apresentações

Com base nos depoimentos de alunes, bem como minha própria experiência, sugiro que os docentes sempre prezem por uma boa dinâmica de apresentações ao iniciar algum processo. Comece por você mesmo. Apresente-se com seu nome e/ou apelido de preferência, diga seus pronomes e complete com o que julgar pertinente de colocar sobre você. **Deixe claro** que os alunes podem se apresentar com nomes/apelidos preferidos, e peça para que **todes** compartilhem seus pronomes.

Entendo que, para pessoas cisgêneras, pode parecer estranho colocar os pronomes em suas apresentações, já que muitas nunca se deram ao trabalho de fazer isso ao longo de vários anos de vida. Contudo adotar esse hábito é um indicativo de conforto e segurança para pessoas trans, ao contrário do que fomos ensinados pelo molde social, o gênero das pessoas não é óbvio nem pode ser assumido baseado na aparência. Introduzir nossos pronomes em apresentações ou perfis de redes sociais é uma forma de comunicar segurança às pessoas trans, sobretudo àquelas que não se sentem confortáveis em se assumir em ambientes familiares ou de trabalho. Pode comunicar que, ao menos naquele pequeno espaço de sala de aula, essa pessoa está segura para ser e estar plenamente como ela é.

Não inicie dinâmicas de apresentação consultando e procurando pelos estudantes a partir dos nomes na chamada. Deixe que a ordem de apresentação se dê organicamente e, caso não identifique algum diles na lista, peça para que ile aponte na lista para você, não pronuncie o nome morto em voz alta. Quando identificar alguém com o nome diferente do que consta no registro acadêmico, corrija seu material deixando claro o nome correto.

5.3 O que fazer quando errar um nome/pronome

No momento em que perceber que errou **corrija-se imediatamente**, desculpe-se se desejar, mas **não prolongue a situação**. Após a correção siga sua fala ou dinâmica de aula normalmente, ficar se desculpando excessivamente e acaba chamando mais atenção para o seu erro e para a pessoa a qual você se refere. Entenda que, nesse momento, insistir em expressar na frente de todes que você se sentiu mal ao cometer o erro pode gerar mais constrangimento para a pessoa trans do que o erro em si.

Caso você só tenha percebido o erro após ter terminado sua fala apenas atente-se à futuras menções à pessoa em questão para evitar que se repita. Caso deseje ou julgue necessário se desculpar, fale com a pessoa em um diálogo particular. Parar a discussão para se corrigir na frente de todos após o diálogo ou discussão já ter seguido só traz mais atenção para o erro e causa uma exposição desnecessária.

Não se sinta atacado ou ofendido quando um alune travestigêner te apontar que em algum momento você errou seus pronomes de tratamento na frente da turma. Não é sobre te atacar, é sobre evitar que o erro se repita e mais constrangimento seja causado. Escute e tente se lembrar do momento que cometeu o erro. Desculpe-se e siga o exercitando e praticando o uso dos nome/pronomes corretos.

5.4 Busque apurar sua sensibilidade

Entre as dúvidas e inseguranças dos docentes manifestou-se o medo de não dar o apoio correto ou de não saber como dar incentivo a alunes travestigêners. Julgo que aqui cabe tentar observar a como os alunes recebem as propostas, e isso não se limita só aos alunes trans, se estende à todes. Tentar perceber se há entusiasmos, desânimos ou incertezas e abrir um diálogo com os estudantes sobre incômodos relacionados ao que está sendo proposto. A qualquer momento pode ser que um estudante tenha alguma questão pessoal que tenha dificuldade em comunicar e cause desconforto realizar alguma cena.

Busque estar atento quando um estudante estiver relutante ao trabalhar alguma cena, colocar alguma fala ou gesto, ou até mesmo em construir uma personagem. Talvez ele possua questões pessoais, emocionais ou até mesmo de natureza religiosa que desagrade se colocar nesse lugar. Uma pessoa trans pode ter alguma questão com a exposição do seu corpo ou com uma vestimenta tanto quanto qualquer outro alune. Se notar essas dificuldades busque um dialogar individualmente para compreender o que se passa e pensar soluções.

Os impedimentos podem ser emocionais ou físicos. Pode ser que um alune tenha muita insegurança ou insatisfação com a própria voz ou que alguns exercícios podem causar dores e desconfortos devido a práticas como o a de aquendar¹⁶ e o uso do *binder*. Não aborde os alunos sobre essas práticas, essas são questões íntimas e

¹⁶ Aquendar: a prática difundida entre pessoas tranfemininas, travestis e drag queens consiste em esconder o pênis e o escroto para que não marque ou faça volume nas roupas.

individuais, mas tenha consciência que um comportamento que pareça falta de vontade, motivação ou preguiça pode na verdade ser reflexo de incômodos relacionados a isso.

Um das metas de inclusão é a normalização e aceitação de corpos trans sem estranhamentos e olhares desagradáveis, por isso é importante focar no que é tangível para criar um espaço inclusivo. Nem sempre ocorrerá de que um alune trans se sinta à vontade para abdicar dessas práticas que lhe dão um conforto relativo à sua aparência para realizar as atividades práticas e que demandam mais esforço físico. Porém os mesmos sentem as mazelas de tais hábitos e, caso venham a se sentir confortáveis, pode ser que optem por realizar uma pausa para estarem mais à vontade no espaço da aula. Em momentos como esse é importante que as outras pessoas recebam corpos trans com naturalidade.

As práticas de aquecer e o uso do *binder* podem trazer prejuízos sérios à saúde física de pessoas trans quando feita ininterruptamente ou durante a prática de exercício. Ainda assim, o desconforto psicológico muitas vezes supera os desconfortos sentidos no corpo. Conseguir estabelecer um ambiente que uma pessoa trans se sinta confortável para fazer uma pausa nessas práticas ao realizar as atividades físicas/práticas pode significar a prevenção de complicações de saúde em pessoas trans. Porém nem todas se sentirão à vontade para isso. Tente ser compreensivo quando alguém estiver relutante a participar de uma prática, principalmente de envolver movimentos específicos, muito atrito ou esforço físico. Falando por experiência própria, o uso de *binder* dificulta **muito** a respiração, e causa muitas dores nas costas.

5.5 Consuma entretenimento com representatividade

Em relação a incentivos é preciso também conhecer, ao menos um pouco, a turma com que se está trabalhando. Busque ter referências em comum com alunes. Tente consumir mídias representativas que eles gostam e questione o que gostam, por que é uma boa representatividade. Ou por que não gostam e consideram outras obras representatividades ruins.

Buscar repertórios em comum com os discentes é um grande enriquecimento para os processos criativos e também pode te manter atualizado sobre correntes discussões sobre diversidade. Talvez buscar referência com pessoas LGBTQIA+ mais velhas sobre conteúdos, literaturas e entretenimento recentes. Nos

últimos anos a quantidade de mídia produzida, criada e dirigida por pessoas LGBTQIA+ cresceu notavelmente e muitas carregam discussões atualizadas.

5.6 Seja consciente quando dividir a turma em grupos, papéis ou tarefas

Compreendo que dividir uma turma por um critério como registro vocal ou altura pode ocasionar em uma separação de gênero marcada e deixar pessoas trans um pouco deslocadas. Apesar de acreditar que uma situação como essa, na maioria dos casos, não seria um grande problema, penso que não custa perguntar ou conferir se todos da turma estão confortáveis com as estruturas, principalmente se a disciplina se encaminhar para uma apresentação. Se for possível, deixe que experimentem praticar ou transitar pelos grupos, abra essa possibilidade para todes da turma.

Neste semestre tive um diálogo com uma aluna de outro departamento que está cursando algumas disciplinas no CEN, ele me contou sobre uma situação que eu gostaria de compartilhar e eu lhe perguntei se poderia incluir seu depoimento na pesquisa, o que ele concordou.

Deponente: Em um momento de aula onde cantávamos em grupos separados fui indagado pelo monitorie se não acharia interessante participar de uma música planejada para as alunas. Por alguns segundos fiquei confuso com a pergunta pois, por estar confortável com quaisquer pronomes e no cotidiano ser frequentemente lido pelo gênero designado ao nascer, acabo por não ser vocal ao me assumir como pessoa não-binária em todos os espaços. Acabei rejeitando a participação no coro feminino por não gostar particularmente da música e por achar que o arranjo proposto não funcionava para meu registro vocal. No entanto, ao perceber a razão pela qual me foi feita esta proposta me senti bastante feliz por ter minha identidade reconhecida e pelo esforço em criar um ambiente confortável à não-binárias.

Foi ele quem perguntou no começo do semestre sobre quantos alunes não-binários existiam na turma, propiciando uma oportunidade para que me assumisse perante meus colegas.

Na situação em questão foi seu monitorie quem o abordou, mas serve como um ótimo exemplo do que eu tento dizer acima. Por vezes, algumas dinâmicas segregam a turma em gênero mesmo que os critérios não sejam colocados com base nisso. Mas criar um ambiente inclusivo, muitas vezes, é se atentar a abrir possibilidades para que os alunes não se sintam aprisionados a um lugar que, talvez, seja desconfortável.

Evite também assumir que uma pessoa trans estaria confortável ou não interpretando uma personagem do gênero que se opõe ou apresente mais contraste à sua expressão de gênero. Abra esse diálogo com cada alune se isso for uma questão. Pode haver, por exemplo, uma travesti que não gostaria de interpretar um papel masculino por uma questão até de que sua identidade feminina já muito posta em cheque pela sociedade, se colocar em tal papel pode ser muito desconfortável além aflorar uma série de questões que ela possa ter passado na luta pelo reconhecimento de sua identidade. Ao mesmo tempo, eu particularmente, não tenho problemas em me colocar em papéis femininos ou masculinos de modo geral. Porém, talvez eu não me colocasse em um papel feminino que envolvesse muita exposição do meu corpo, roupas curtas e afins.

Ao longo das discussões e do processo criativo busque não excluir ou invalidar o ponto de vista que pessoas trans possam ter sobre gênero de uma perspectiva pré-transição. Compreendo que, por exemplo, em um contexto ou cena que envolva uma temática ou perspectiva mais feminina a experiência das alunas tenha um peso maior sobre a criação desse processo, porém uma pessoa transmasculina também experiência ou experienciou, à sua maneira, esse espaço de ser mulher. Busque não deixar que os debates da turma excluam ou silencie essas experiências.

Entre as queixas de estudantes se manifestou justamente esse apagamento de suas experiências anteriores a transição. É muito bom que nossas identidades de gênero sejam vistas e respeitadas, porém nós temos essa experiência de ter transitado pela sociedade na perspectiva de mais de um gênero, e é frustrante quando nossas experiências são ignoradas. Também é importante que sejamos ouvidos nesses lugares, por mais que a nossa presente apresentação ou expressão de gênero pareça deslocada de alguns debates, nós não estivemos sempre ocupando essa posição.

5.7 Estendendo as reflexões ao mercado de trabalho

As reflexões postas a seguir saem da análise dos formulários e se baseiam na minha experiência empírica, diálogos com outras pessoas trans e contato com a bibliografia. Acho relevante abordar questões do mercado de trabalho para que o pensar sobre a inclusão das pessoas trans não se resuma ao espaço acadêmico. Afinal, o objetivo de informar as pessoas cisgêneras é acabar com a visão de pessoas trans como uma coisa exótica, naturalizar que estejamos em todos os espaços e humanizar a nossa imagem social.

Por vezes me deparei com grandes chamadas de elenco em busca de pessoas trans para um único papel, em uma das situações, para uma mulher trans. Todavia, como isso não foi especificado na chamada de elenco, vários homens trans e transmasculinos, que em nada se encaixam no papel, fizeram contato. Isso revela que sequer há compreensão suficiente das identidades trans para fazer uma chamada de elenco específica para pessoas transfemininas. É até difícil de imaginar que tipo de representação trans pode haver em uma obra cuja a produção compreende tão pouco sobre transgeneridade.

Retomo uma questão já abordada no Capítulo 2, sobre permitir a participação de pessoas trans na criação de personagens transgêneros. Mas não consultar apenas um ator ou atriz em questão, busque ter um grupo de pessoas para consultoria durante a criação de um trabalho ou produção de um roteiro. Ter um grupo de pessoas trans participando da criação não só evita equívoco e reprodução de preconceitos internalizados como proporciona que a obra realmente se comunique com pessoas trans.

Essa foi inclusive a estratégia utilizada pelos criadores do jogo eletrônico “*Tell Me Why*” (2020), uma trama onde dois irmãos gêmeos investigam as peculiaridades acerca da morte de sua mãe. Alyson e Tyler são gêmeos idênticos, sendo Tyler um homem trans. Apesar de não haver nenhuma pessoa trans diretamente ligada à criação e a produção do jogo, Tyler foi interpretado por um ator trans e a produção contou com a consultoria dele e de outras quatro pessoas trans durante o processo de criação do jogo. O resultado foi uma das melhores representações trans que eu já vi. Certamente a melhor dentro do universo dos videogames. A produção se destacou por ter tido o cuidado de ter incluído esses pontos de vista na criação e também por ter aberto espaço para atores trans, além da voz original em inglês, Tyler foi dublado em outros oito idiomas também por atores transgêneros.

As possibilidades de trabalhos não se resumem aos que abordam personagens ou temática trans. Mesmo em outros temas ou linguagens, seja na dança, performance ou outras, a maioria das colocações sobre a convivência em sala de aula se aplicam à convivência no trabalho. Todas as questões de convivência, linguagem e cuidados para não reproduzir discursos ou situações que ocasionem na exclusão ou invisibilização da pluralidade de gênero se aplicam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos apontamentos aqui presentes carregam, majoritariamente, o meu ponto de vista e minha experiência. Embora meus apontamentos enquanto uma pessoa trans sejam válidos e minha perspectiva possa contribuir para a construção de que este espaço do Departamento de Artes Cênicas venha a tornar mais inclusivo no futuro, ela é apenas uma pequena contribuição. A inclusão e naturalização dos corpos travestigêneres é mais uma entre as lutas constantes.

Quando cheguei ao Departamento de Artes Cênicas poucas pessoas conheciam ou compreendiam as identidades não-binárias. Para mim era difícil me colocar nesse lugar e explicar a situação, o porquê meu nome na chamada era outro e porque apesar de, no dado momento, minha aparência ser mais feminina eu exigia ser tratado no masculino. Eu ainda não havia me assumido para família ou em outros espaços e tinha muito receio sobre como seria recebido ao expor minha identidade. Porém nos momentos do curso e nas disciplinas que optei por não falar abertamente sobre isso logo no começo a experiência e a convivência foram muito árduas.

Associo todos os momentos que estive à beira de desistir, semestres que foram trancados e as disciplinas em que houveram faltas excessivas muito atrelados à falta de reconhecimento à imagem interna que tenho de mim. À sentir que talvez eu estivesse em um espaço que não fosse feito para pessoas como eu pela falta de referência de outras pessoas travestigêneres. Penso que tornar esse ambiente inclusivo é sinônimo de que pessoas travestigêneres sintam e compreendam que esse é um lugar possível de se estar. Que pode ser um lugar nosso tanto quanto de qualquer outra pessoa.

Tornar um espaço inclusivo para pessoas travetigêneres não é sobre buscar um tratamento ou uma recepção especial para essas pessoas. É sobre reconhecer que, ao longo de décadas, nossos comportamentos, vocabulário e expectativas em relação aos nossos pares foi excludente com travestis, homens e mulheres trans e não-binários. Não serve a nenhum propósito estar ciente de nossa existência se todas as normas e expectativas seguem reféns apenas do cisgênero e binário. Há muito além disso, mas todos os protocolos e vocabulários ainda se resumem aos recortes homem e mulher.

As identidades não-binárias são uma realidade concreta, porém nossa existência segue excluída na prática e oculta na língua portuguesa. É preciso entender

que corpo não é gênero e que gênero não se vê. Cisgeneridade não é regra e transegeneridade não é exceção. Ambas coexistem e nenhuma deve ser a expectativa. Gênero não se assume, o gênero a gente descobre quando se conhecer. Gênero não necessariamente é permanente, porque nossas relações com o mundo nunca param de mudar.

BIBLIOGRAFIA

APPLEMAN, Deborah. **Critical Encounters in High School English Teaching Literary Theory To Adolescents**. Teachers College Press 2ª edição. Nova Iorque-NY, EUA. (2009)

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Devires 3ª edição. Simões Filho-BA. (2019)

BENTO, Berenice. **Transviadas**. EDUFBA – Editora da Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA. (2017)

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira 20ª edição. Rio de Janeiro-RJ. (2020)

JUDITH Butler's gender performativity, part 2: what is "performativity?", 2021. 1 vídeo (13 min.) Por Jordan Schonig, publicado no canal Film & Media Studies with Jordan Schonig. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_DZgwQcU18. Acesso em: 04 de abril de 2022.

LEAL, Dodi. **Teatro e transgeneridades: paradigmas poéticos de recepção de performatividade**. Universidade de São Paulo, São Paulo-SP. (2017)

OMS – revisão do CID 11 – incongruência de gênero – perguntas e resposta (Q&A), 2018. Por Drª. Lale Say, publicado no canal UNAIDS Brasil. 1 vídeo (3 min.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MFJ0QfvDySE&t=29s>. Acesso em: 24 de abril de 2022.

PALOMA no Festival Internacional de Cinema de Monique, 2022. 1 vídeo (11 min.). Publicado no canal Kiko Mollica. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zQzRA3fvnZI&t=2s>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

QUEM tem medo?, 2022. Direção de Ricardo Alves Jr., Dellani Lima, Henrique Zanion. São Carlos-SP: Multiverso Produções, 2022. (70 min.).

REVELAÇÃO. Direção de Sam Feder. Barueri-SP: Netflix, 2020. (108 min.).

RUSSELL, Stephen T., POLLITT, Amanda M., LI, Gu. GROSSMAN, Arnold H. **Chosen name use is linked to reduced depressive symptoms, suicidal ideation, and suicidal behavior among transgender youth.** Journal of Adolescent Health, São Francisco-CA (EUA), v. 63, n. 4, p. 503-505, mar. 2018.

Sort Of. Criado por Bilal Baig, Fab Filippo. Canadá (CBC), 2021-. Distribuição: HBO Max.

TELL Me Why. DON'T NOD Entertainment SA, 2020. 1 jogo eletrônico.

UMA MULHER Fantástica, 2017. Dirigido por: Sebastián Lelio. Chile. Distribuição: Netflix. Acesso em 09 de setembro de 2022.

WHAT IS GENDER?, 2016. 1 vídeo (9 min.). Por Abigail Thorn, publicado no canal Philosophy Tube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=seUVb7gbrTY>. Acesso em: 3 de abril 2022.

ANEXO I

Quadro geral de discentes:

DISCENTE	GÊNERO	VÍNCULO COM O CEN-UnB	ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO	ABERTO SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO
Alune 1	homem-trans	ex-alune do CEN	Técnico (luz, som, cenografia, figurino, maquiagem e outros)	Sim, durante uma parte do período que frequentei o CEN
Alune 2	mulher-trans/ travesti	alune do CEN	Performe; Dança; Dramaturgia; Direção; Trilha sonora (composição); Técnico (som, luz, cenografia, figurino, maquiagem, etc.); Produção; Atoria.	Sim, durante todo o período que frequentei o CEN
Alune 3	não-binária	alune do CEN	Atoria; Dança; Produção	Sim, durante todo o período que frequentei o CEN
Alune 4	mulher-trans	alune do CEN	Atoria; Dramaturgia; Trilha sonora (composição)	Sim, durante todo o período que frequentei o CEN
Alune 5	travesti	alune do CEN	Atoria; Performer; Circo	Não assumi minha identidade de gênero durante o período que frequentei o CEN
Alune 6	não-binária	alune do CEN	Atoria; Performer; Dança; Produção; Técnico (som, luz, cenografia, figurino, maquiagem, etc.); Produção;	Sim, durante uma parte do período que frequentei o CEN
Alune 7	não-binária	alune outro departamento	Dramaturgia	Sim, durante todo o período que frequentei o CEN

ANEXO II

Quadro geral de docentes:

DOCENTE	É LGBTQIA+?	TEM CONVIVIO PRÓXIMO COM ALGUMA PESSOA TRANS/TRAVESTI?	TEM CONHECIMENTO DE ALGUM COLEGA DE TRABALHO TRANS/TRAVESTI?
1	sim	Até 5 pessoas	sim
2	não	1 ou 2 pessoas	não
3	não	1 ou 2 pessoas	não
4	não	Não	não
5	não	Mais de 5 pessoas	não
6	não	1 ou 2 pessoas	sim
7	não	1 ou 2 pessoas	sim
8	não	1 ou 2 pessoas	não
9	não	1 ou 2 pessoas	não
10	não	Mais de 5 pessoas	sim
11	sim	Não	não
12	sim	1 ou 2 pessoas	não
13	não	Até 5 pessoas	sim